

*Milton Rubens Medran Moreira*  
*Salomão Jacob Benchaya*

COLEÇÃO  
**LIVRE-PENSAR:**  
ESPIRITISMO PARA O SÉCULO XXI  
SÉRIE 1

# *O espiritismo na perspectiva laica e livre-pensadora*



*Milton Rubens Medran Moreira*  
*Salomão Jacob Benchaya*

***O espiritismo na perspectiva  
laica e livre-pensadora***

COLEÇÃO **LIVRE-PENSAR:**  
ESPIRITISMO PARA O SÉCULO XXI



Série **1** - Livro **1**

2021



ORGANIZADORES DA COLEÇÃO:  
*Ademar Arthur Chioro dos Reis, Mauro de  
Mesquita Spínola e Ricardo de Moraes Nunes*

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO:  
*Magda Zago*

REVISÃO ORTOGRÁFICA:  
*Néventon Vargas*

REVISÃO FINAL:  
*Wilson Garcia*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angelica Ilacqua CRB-8/7057

Moreira, Milton Rubens Medran

O espiritismo na perspectiva laica e livre-pensadora [livro eletrônico] / Milton Rubens Medran Moreira, Salomão Jacob Benchaya. -- [S.l.]: CPDoc; CEPA, 2021.

108 p. (Coleção livre-pensar: espiritismo para o século XXI; Série 1; Livro 1 / organizado por Ademar Arthur Chioro dos Reis, Mauro de Mesquita Spínola, Ricardo de Moraes Nunes)

ISBN 978-65-89240-01-3

1. Espiritismo 2. Espiritismo - Filosofia 3. Kardec, Allan, 1804-1869 - Doutrina I. Título II. Benchaya, Salomão Jacob III. Chioro dos Reis, Ademar Arthur IV. Spínola, Mauro de Mesquita V. Nunes, Ricardo de Moraes VI. Série

20-4258

CDD 133.9

## APRESENTAÇÃO

“(...) o livre-pensamento eleva a dignidade do homem; dele faz um ser ativo, inteligente, em lugar de uma máquina de crer”.

Allan Kardec (*Revista Espírita*, fevereiro, 1867)

A CEPA - Associação Espírita Internacional e o Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc) têm a honra de apresentar ao público espírita e não espírita a ***Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI***.

A primeira série da ***Coleção Livre-Pensar*** tem por finalidade apresentar, de forma sintética, porém sem prejuízo da precisão conceitual, os posicionamentos teóricos do chamado espiritismo laico e livre-pensador, que tem se desenvolvido em diversos países, nas Américas e na Europa nos últimos anos.

Editada em quatro idiomas - português, espanhol, inglês e francês -, visa a uma divulgação o mais abrangente possível do espiritismo laico e livre-pensador.

Essa perspectiva tem se caracterizado por ser um outro olhar sobre o espiritismo fundado por Allan Kardec em 1857, a partir da publicação de sua obra magistral, *O Livro dos Espíritos*, e de sua institucionalização e popularização em várias regiões do planeta.

À medida que foi se disseminando, o espiritismo submeteu-se a processos de absorção e miscigenação, ao conjunto de saberes e às práticas religiosas e sociais próprias do contexto histórico e cultural de cada país e de cada época.

Em alguns países, como o caso do Brasil, por exemplo, o processo histórico e cultural de feitiço católico encontrado pelo espiritismo resultou na formação de mais uma religião de caráter cristão, em prejuízo dos princípios de racionalidade e livre pensamento propostos por Allan Kardec nos primórdios do espiritismo.

Este fenômeno do sincretismo tem ocorrido com o espiritismo em outros países tornando-o uma religião menor, deslocando-o de seu natural posicionamento epistemológico, e fazendo com que perca seu potencial de abrir perspectivas para o

campo do conhecimento, em especial para as áreas da ciência e da filosofia.

Daí a necessidade, para os espíritas reunidos em torno da CEPA e do CPDoc, de uma releitura do pensamento espírita, na tentativa de resgatar a generosa proposta de Allan Kardec, que buscava construir uma filosofia espiritualista, laica, livre-pensadora, humanista e progressista, características fundamentais para que o espiritismo pudesse acompanhar o progresso do conhecimento, da ética e da espiritualidade no mundo contemporâneo.

A *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI* pretende, portanto, apresentar ao leitor alguns temas fundamentais do espiritismo sob a perspectiva desta releitura, visando, com isso, ao esclarecimento do público espírita em geral e daqueles que se interessam pela temática espírita.

Apresenta e desenvolve, nesta série 1, um conjunto de temas fundamentais, que permitirão uma compreensão abrangente deste olhar contra-hegemônico ao pensamento predominante nos movimentos espíritas do Brasil e do mundo, sendo que tal olhar está proposto dentro do maior espírito de alteridade possível.

Todos os temas foram desenvolvidos a partir de uma abordagem que procurou a clareza, a concisão

e a precisão, visando trazer informações introdutórias fundamentais sobre o espiritismo e o movimento espírita, na perspectiva laica e livre-pensadora.

A *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI* tem ainda o objetivo de oferecer aos estudiosos e divulgadores do espiritismo, bem como àqueles que se dedicam à organização de cursos, palestras e coordenação de grupos de estudos, um material de referência e apoio às atividades didáticas realizadas nas associações espíritas em geral.

Acreditamos que esta iniciativa ajudará a contribuir com o sadio debate sobre temas importantes do espiritismo, fazendo com que todos nós possamos amadurecer nossas reflexões sobre esta transcendental filosofia espiritualista fundada por Allan Kardec.

Os autores desta Série I – Temas Fundamentais – da *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI* são intelectuais originários dos movimentos espíritas da Argentina, Brasil, Espanha, Porto Rico e Venezuela que desenvolveram os temas a seguir:

- **O espiritismo na perspectiva laica e livre-pensadora**

Milton Rubens Medran Moreira (Brasil) e  
Salomão Jacob Benchaya (Brasil)



- **A imortalidade da alma**  
David Santamaria (Espanha)
- **Mediunidade: intercâmbio entre dois mundos**  
Ademar Arthur Chioro dos Reis (Brasil) e  
Yolanda Clavijo (Venezuela)
- **Reflexões sobre a ideia de Deus**  
Ricardo de Moraes Nunes (Brasil) e Dante López  
(Argentina)
- **Reencarnação: um revolucionário paradigma  
existencial**  
Mauro de Mesquita Spínola (Brasil)
- **A evolução dos espíritos, da matéria e dos  
mundos**  
Gustavo Molfino (Argentina) e Reinaldo Di Lucia  
(Brasil)
- **Espiritismo, ética e moral**  
Jacira Jacinto da Silva (Brasil) e Milton Rubens  
Medran Moreira (Brasil)
- **Allan Kardec: o fundador do espiritismo**  
José Arroyo (Porto Rico) e Matheus Laureano  
(Brasil)

O espiritismo, nas palavras do importante escritor e filósofo espírita brasileiro José Herculano Pires, ainda é o “grande desconhecido”. Ainda pairam sobre ele as sombras da incompreensão, que impedem que se veja seu brilho original enquanto proposta filosófica inédita que desvela os horizontes do Espírito sob os parâmetros das conquistas do pensamento moderno, que enfatiza a importância da razão e dos fatos.

A *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI* pretende, portanto, jogar algumas luzes na proposta filosófica espírita, com a finalidade de aclarar o seu entendimento por parte de espíritas e não espíritas e também com vistas a resgatar seu potencial revolucionário de contribuição para uma nova visão do ser humano e do mundo.

Trata-se de uma tarefa ousada, porém necessária.

Ademar Arthur Chioro dos Reis

Mauro de Mesquita Spínola

Ricardo de Moraes Nunes

*Organizadores*

## **CEPA – ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL**

Nesta *Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI*, a CEPA se revela nos diversos volumes que compõem a Série 1, que trata dos temas fundamentais do espiritismo, bem como naqueles que seguirão e versarão sobre questões atuais e de igual importância para a vida em sociedade.

A CEPA – Associação Espírita Internacional, nasceu em 1946, na Argentina, fortemente influenciada pela tradição livre-pensadora surgida no movimento espírita espanhol, logo após o advento da Filosofia Espírita na França, em meados do século XIX, sob a direção de Allan Kardec.

Espíritas argentinos, cuja principal característica era a defesa do caráter progressivo, laico e livre-pensador do espiritismo, tiveram papel preponde-

rante na base do pensamento que sempre norteou os integrantes da CEPA.

Desde a sua fundação, a CEPA, inicialmente denominada Confederação Espírita Pan-americana, vem trabalhando pela construção e a consolidação da natureza filosófica e científica do espiritismo, tal como anunciado pelo seu próprio fundador, Allan Kardec.

Como intérprete do espiritismo original, define-o como **“ciência que trata da natureza, origem e destino dos espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”** e como **“filosofia espiritualista de consequências morais”**.

Sua natureza hoje é de uma Associação Espírita Internacional, integrada por pessoas e instituições espíritas dos diversos continentes. Caracteriza-se por ser um agrupamento de pessoas e instituições em torno do mesmo ideal livre-pensador, que não compactua com organizações verticais e autoritárias no âmbito do movimento espírita.

Os seus principais objetivos são:

- a) promover e difundir o conhecimento do espiritismo, a partir do pensamento de Allan Kardec, sob uma visão laica, livre-pensadora, humanista, progressista e pluralista;
- b) promover e estimular esforços voltados à atualização permanente do espiritismo;

c) promover a integração entre espíritas e instituições espíritas de todos os continentes que se identificam com os mesmos objetivos.

Valorosos estudiosos e pensadores reunidos em torno da CEPA vêm ampliando o alcance da Filosofia Espírita, somando esforços para restabelecer o seu sentido progressista original, lamentavelmente minimizado quando adquire equivocadamente a concepção de uma doutrina religiosa.

O espiritismo, sem adjetivos, é uma filosofia universalista com potencial libertador, motivo do comprometimento da CEPA com seus postulados originais, respeitado o contexto histórico vigente ao tempo do seu nascimento.

A associação de pessoas em torno do estudo do espiritismo, em sua mais lídima expressão, tem servido para o engrandecimento da própria filosofia espírita, que a todos pode servir independentemente de suas crenças e visões de mundo.

Em homenagem ao trabalho e à dedicação dos autores, deixo um convite carinhoso ao leitor para ler e analisar criticamente as contribuições, como um autêntico livre-pensador.

Jacira Jacinto da Silva  
*Presidente da CEPA*

## **CPDoc – Centro de Pesquisa e Documentação Espírita**

O CPDoc é, atualmente, um dos mais antigos centros de pesquisa do espiritismo em funcionamento no Brasil. Seu principal objetivo é o desenvolvimento e a divulgação de estudos e pesquisas com temática espírita, utilizando metodologia adequada para cada tema e contribuições das várias áreas do conhecimento. Busca, assim, contribuir para o aprimoramento do conhecimento como um todo e do espiritismo em particular.

O CPDoc nasceu em Santos (SP) no ano de 1988, fruto do sonho de jovens interessados em incrementar os estudos espíritas. Hoje possui participantes de vários estados brasileiros e de outros países. Os trabalhos são divulgados através de seu portal, em livros, nos órgãos da imprensa e em diversos eventos,

especialmente no Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita e nos Congressos e Conferências da CEPA, entidade à qual aderiu no ano de 1995.

Até o presente momento, o CPDoc tem em seu acervo os seguintes livros publicados ou a publicar:

- **Magnetismo e vitalismo e o pensamento de Kardec**, de Ademar Arthur Chioro dos Reis
- **Um Blues no meio do caminho**, de Paulo Cesar Fernandes
- **Centro espírita: uma revisão estrutural**, de Mauro de Mesquita Spinola
- **Teleco**, de Geraldo Pires de Oliveira
- **Igualdade de direitos e diferença de funções entre o homem e a mulher**, de Marissol Castello Branco
- **Mecanismo da mediunidade: Processo de comunicação mediúcnica**, de Ademar Arthur Chioro dos Reis
- **Criminalidade: educar ou punir**, de Jacira Jacinto da Silva
- **Ensaio sobre o Humanismo Espírita**, de Eugênio Lara
- **Os espíritos falam: Você ouve?**, de Wilson Garcia

- **Doca e o menino - O laço e o silêncio**, de Wilson Garcia
- **Perspectivas contemporâneas da reencarnação (autores diversos)**, organizado por Ademar Arthur Chioro dos Reis e Ricardo de Moraes Nunes
- **Os livros dos espíritos**, de Luís Jorge Lira Neto
- **Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI (autores diversos)**, organizado por Ademar Arthur Chioro dos Reis, Mauro de Mesquita Spinola e Ricardo de Moraes Nunes

O CPDoc possui também uma linha de cursos on-line, que apresenta o espiritismo com visão laica e livre-pensadora, utilizando modernas técnicas de educação a distância.

Todos os interessados em pesquisa podem participar do CPDoc, bastando que conheçam os fundamentos do espiritismo e sejam apresentados por integrantes do grupo.

Informações, trabalhos publicados, eventos promovidos pelo CPDoc e os cursos on-line estão disponíveis no portal do grupo:

<http://www.cpdocespirita.com.br>.

Wilson Garcia  
*Presidente do CPDoc*



## PREFÁCIO

Para se ter uma avaliação real do livro que está prestes a ser lido, gostaria de fazer algumas considerações para que você, caro leitor, seja capaz de contextualizar seus autores e seu conteúdo.

Como detalhe, vale a pena mencionar que conheci o Salomão e o Milton através de seus artigos, muito antes de conhecê-los pessoalmente.

Era 1984 e a CEPA organizou na cidade de Foz de Iguaçu uma Conferência Regional durante a Presidência do nosso conterrâneo Hermas Culzoni. Lá estava, como orador famoso, Divaldo Pereira Franco, na época Primeiro Vice-Presidente da CEPA, que fez parte dos quadros da CEPA por um período.

As presenças do então Presidente da FEB, Francisco Thiesen e seu Vice-Presidente Altivo Ferreira deram ao evento um caráter de aproximação fra-

terna, entre o espiritismo religioso representado pela FEB e o espiritismo laico da CEPA, uma vez que desde 1953 estavam distanciados, quando a representação do Brasil se retirou da Confederação alarmada por sua clara vocação laicista.

Nesse contexto, chegou às nossas mãos uma revista, que ainda conservo como uma relíquia: *"Reencarnação"* era o seu nome principal. Em seguida, na mesma capa se lia como manchete: *"ESPIRITISMO: CIÊNCIA E FILOSOFIA... ATÉ QUE PONTO É RELIGIÃO?"*.

Os membros da Mocidade em que militava naqueles tempos ficaram muito felizes em encontrar esse exemplar, que compramos e devoramos avidamente pelo conteúdo dos artigos assinados por um tal Maurice Herbert Jones, outro chamado Salomão Benchaya e um terceiro que assinava Milton Medran Moreira.

Eles, como dirigentes máximos da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS), ousaram questionar o inquestionável para o espiritismo religioso e, após a eleição da chapa concorrente, em 1987, buscaram caminhos próprios, segundo suas convicções sobre a natureza laica do espiritismo. Soubemos disso muito tempo depois, quando, em 1996, recebemos Milton Medran Moreira em Buenos

Aires para participar do Congresso que organizamos na Asociación Espiritista Constanca por ocasião da celebração de 50 anos da CEPA.

Lá estavam Milton e outros sessenta espíritas brasileiros provenientes do espiritismo religioso e atraídos por uma “Carta ao Espiritismo Brasileiro” que Jon Aizpúrua havia assinado como Presidente da CEPA alguns anos antes.

Por que é importante contar essa pequena história? Para que você saiba, caro leitor, que aqueles que firmam este livro não estão improvisando conceitos aprendidos na extensa bibliografia espírita, são pessoas de uma longa trajetória espírita e que conheceram e sofreram na pele a diferença entre religião e laicismo.

Dessa experiência de vida vem a força dos conceitos vertidos neste livro, que se baseiam em uma longa e frutífera vida intelectual dedicada ao estudo e à pesquisa de religiões comparadas, da filosofia, da história. Também da teoria e prática espírita, institucional e pessoal.

O Milton, também, estudou na adolescência em um seminário católico como uma formação prévia para padre, que abandonou antes do tempo, e o Salomão vem de uma família judia. Em síntese,

sabem muito bem o que estão escrevendo.

Portanto, quando o leitor adentrar no texto, encontrará uma verdadeira exegese da Doutrina Espírita, uma análise detalhada, que fazem do cerne da interpretação analítica e racional, metódica, como merece uma Ciência de Observação e Doutrina Filosófica, conforme o espiritismo foi definido por seu fundador.

O leitor se sentirá transportado no tempo para o Século XIX, onde nasceu o espiritismo, porque, como os autores bem destacam, deve ser compreendido primeiro nesse contexto, onde a influência da cultura judaico-cristã da culpa e castigo era uma prática comum, e onde elevar a voz para discordar era causa de punição às vezes até com a morte.

A compreensão dessa realidade eleva a proposta espírita a níveis temerários para aquele momento, e a luta foi acirrada, mas entende-se que foi o exato momento da evolução humana em que foi possível vislumbrar uma esperança de liberdade de consciência para a humanidade, e Denizard Rivail estava lá para oferecer.

Os espíritas passaram uma grande parte do Século XX discutindo se o espiritismo era uma trilogia definida como “Ciência, Filosofia e Religião”,

para assegurar a continuidade dos conceitos dogmáticos e autoritários que as Religiões significaram, ou se era “Ciência, Filosofia e Moral”, a fim de se distanciar dos dogmatismos religiosos e começar a encorajar cada indivíduo a assumir o comando de sua própria evolução.

No final do século passado e início do atual, essa dicotomia deixou de fazer sentido, já não discutimos denominações, não é necessário. Enquanto discutíamos, a Ciência se aproximou da espiritualidade, a Psicologia se tornou transpessoal e os físicos aceitaram Deus.

O espiritismo nasceu rompedor, é inovador, é libertador de consciência, rompe com a dualidade do humano e do divino e, como dizem os autores deste livro: torna natural o sobrenatural.

Vamos a um mundo onde a Ciência e a Espiritualidade darão as mãos, onde não importarão os rótulos e nem as hierarquias, o importante será o que cada um puder fazer para a evolução pessoal e coletiva.

Nessa Espiritualidade sem Religião proposta pelo espiritismo, há a possibilidade de superar os grandes males que afligem a Humanidade: o fanatismo, o sectarismo, o extremismo e o fundamentalismo. Essa

é a proposta que nos fazem o Milton e o Salomão neste breve, condensado, intenso e brilhante texto.

Como disse no início, os conheci primeiro como colonistas de uma revista espírita religiosa, agora que os conheço pessoalmente, seus escritos assumem uma dimensão muito maior, porque sei que são coerentes com seus conhecimentos e suas vidas. A afetividade, honestidade e lealdade de ambos com seus princípios são impecáveis.

Obrigado Milton e Salomão, por trazerem o espiritismo definitivamente para o Século XXI.

Dante López

*Sociedad Espiritismo Verdadero (Argentina)*

*Ex-presidente da CEPA*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Conselho Executivo da CEPA – Associação Espírita Internacional pelo apoio incondicional ao projeto da Coleção Livre-Pensar: espiritismo para o século XXI;

Aos membros do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc) pela leitura crítica e sugestões que permitiram qualificar o nosso trabalho;

A Wilson Garcia pela revisão final;

A Néventon Vargas pela revisão ortográfica.





## SUMÁRIO

CAPÍTULO 1. ESPIRITISMO LAICO? POR QUÊ?	25
CAPÍTULO 2 – COMO SURTIU O SEGMENTO LAICO E LIVRE-PENSADOR	40
CAPÍTULO 3. AS DIFERENÇAS ENTRE A RELIGIÃO ESPÍRITA E O ESPIRITISMO LAICO	56
CAPÍTULO 4. A PROGRESSIVIDADE DA DOCTRINA E A ATUALIZAÇÃO PERMANENTE DO ESPIRITISMO	76
CAPÍTULO 5. PERSPECTIVAS PARA O ESPIRITISMO LAICO E LIVRE-PENSADOR	89
INDICAÇÕES DE LEITURAS DE INTERESSE	99
INDICAÇÕES DE SITES DE INTERESSE	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
SOBRE OS AUTORES	105



# 1 ESPIRITISMO LAICO? POR QUÊ?

*Milton Rubens Medran Moreira*

Num primeiro olhar, poderá até parecer desnecessária essa adjetivação: **espiritismo laico**. Afinal, o espiritismo não é somente um? Na extensa bibliografia por ele deixada, Allan Kardec, seu fundador, não teria nos legado, com meridiana clareza, sua posição sobre a natureza do espiritismo, conceituando-o devidamente?



**Allan Kardec: usando este pseudônimo, o professor francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804/1869) estabeleceu as bases do espiritismo, com o lançamento, em Paris, de *O Livro dos Espíritos* (1857).**

Vejamos:

Em livro publicado em 1859, em Paris, com o título de *O Que é o Espiritismo*, Kardec cuidou de formular uma definição, e o fez não sem antes expor esta breve consideração:

*"O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações"*<sup>1</sup> (p.44).

Estavam delimitados, assim, os dois campos onde o fundador do espiritismo desejava situá-lo: o da **ciência** e o da **filosofia**. No da ciência, sugerindo uma abordagem metódica e séria sobre um fenômeno que sempre estivera presente na cultura humana, mas que fora, em todos os tempos, relegado ao campo do mistério, do sobrenatural, dando origem a mitos, crenças e superstições: a chamada comunicação com os mortos. No da filosofia, porque a esta cabe o estudo teórico da ética. E, sem dúvida, a existência dos espíritos e sua relação com o mundo material, uma vez comprovados, abrem uma perspectiva bem mais ampla acerca do homem e do mundo, repercutindo no comportamento humano, na visão que o sujeito passa a ter da vida, de si próprio e do

outro. Com efeito, princípios como o da imortalidade do espírito, sua comunicabilidade e sua evolução, bases teóricas da proposta espírita, examinados não como simples crenças, mas como realidades inerentes à vida, inevitavelmente produzem consequências de natureza ética e moral.

Tendo Kardec situado o campo onde pretendia inserir o espiritismo, poderia, então, sinteticamente, conceituá-lo, e assim o fez, em *O que é o Espiritismo*, em complementação ao trecho acima transcrito:

*"O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos espíritos e de suas relações com o mundo material"* (p.44).

Ao longo de toda sua obra, Kardec insistiu sempre em manter o espiritismo exatamente na órbita da ciência, ou seja, do **conhecimento**. A palavra ciência, do latim *sciencia*, tem precisamente essa etimologia: conhecimento (o verbo *scire* traduz-se por *saber*). No mesmo opúsculo em que propôs aquela definição de espiritismo, Allan Kardec, didaticamente, reproduz um hipotético e longo diálogo com um padre. Este insiste em que os conteúdos da proposta espírita eram, no fundo, os mes-



mos das religiões: existência de Deus, sobrevivência do espírito após a morte e seu destino depois desta. O fundador do espiritismo concorda com ele, mas sustenta que sua proposta era que cada uma dessas questões fosse deduzida da experimentação científica e provocasse reflexões apoiadas na razão, já que estavam, todas elas, "na Natureza". Encarando-as dessa forma, os estudiosos as deslocariam do terreno do sobrenatural e das crenças para o do conhecimento racional. O espiritismo, salientava, repousa "em princípios independentes das questões dogmáticas". Por isso mesmo, "seu verdadeiro caráter é o de uma ciência e não de uma religião"<sup>1</sup> (p. 103).

Kardec, aliás, vai mais longe e chega a dizer, em discurso pronunciado na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas<sup>2</sup> (a primeira sociedade espírita da

## VOCÊ SABIA?

Allan Kardec, o fundador do espiritismo, na *Revista Espírita*, de dezembro de 1868, defendeu que *"Não tendo o espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor, inevitavelmente, se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral"*<sup>2</sup> (p. 357).

história legalmente constituída e por ele presidida) no dia 1º de novembro de 1868, que o espiritismo não tem *"nenhum dos caracteres de uma religião"* e que, caso viesse a *"enfeitar-se"* com esse título, *"inevitavelmente teria se equivocado"*.

Avançando um pouquinho mais nessa reflexão, fácil será concluir que o espiritismo, tal como concebido por seu fundador, se insere na área do **laicismo**.

### **Mas o que é, exatamente, o laicismo?**

Herivelto Carvalho (2019), referindo-se ao termo "laico" informa que

*"Esse adjetivo é proveniente do termo grego laikós que significa 'do povo' ou, em outras ocasiões, 'mundano'. Nos escritos cristãos foi, a partir do séc. III, muito utilizado com o objetivo de qualificar os fiéis que não eram dotados dos conhecimentos sagrados dos clérigos. Em outros contextos, o termo laikós foi utilizado em oposição a hagios (sacro), especificando tudo o que apresentasse uma natureza profana. Na Europa do séc. XIX, o adjetivo laico passou a ter um sentido equivalente ao modo como é compreendido atualmente: a qualificação de uma atividade humana que não possui envolvimento direto com assuntos religiosos ou questões dogmáticas de quaisquer crenças."*<sup>3</sup>

Para este pensador espírita, por mais de um século após o início do espiritismo, poucas vezes ocorreu a associação do adjetivo laico com a Doutrina Espírita:

*"Os primeiros registros dessa associação datam dos anos 1860, quando o espírita francês Charles Fauvety criou o epíteto 'religião laica' em referência à capacidade de o Espiritismo ser um promotor da vivência de uma espiritualidade secular."*<sup>3</sup>

Assevera, ainda, que:

*"Algumas publicações doutrinárias desse período, também registraram essa qualificação, como, por exemplo, na ocasião em que o francês Jules-Jacques-Toussaint Lessard, editor do jornal L'Anti-matérialiste, de Nantes, informou na edição de novembro de 1883 da Revista Espírita que havia realizado uma conferência sobre 'a superioridade da moral laica do espiritismo sobre a moral do catolicismo', ou ainda em uma mensagem de autoria espiritual, psicografada por um médium apenas identificado como 'N. M.', publicada na edição de agosto de 1888, da Revista de Estudios Psicológicos, de Madrid, onde se lê que: 'O ensino coletivo do espiritismo é laico, porque ensina, como Jesus, que quem quer ser o primeiro, será o último e o servo de todos, um fato único que dá superioridade moral'."*<sup>3</sup>



Segundo Carvalho, foi após a publicação do livro *Espiritismo Laico*, de David Grossvater, em 1966, que se popularizou a expressão “espíritas laicos”.<sup>4</sup> Entretanto, a ligação do espiritismo com o laicismo vem de seus primórdios.

**Judeu polonês, viveu alguns anos no Brasil (Porto Alegre-RS) onde conheceu o espiritismo. Transferiu-se para a Venezuela onde fundou, em**



**David Grossvater**  
(1911-1974)

**Maracay, a revista *El Espiritista* e o Centro de Investigaciones Metapsíquicas y Afines (C.I.M.A), que, a partir de 1980, passou a denominar-se Movimento de Cultura Espirita CIMA. Publicou, em 1966, a obra *Espiritismo Laico* que acabou popularizando a expressão “espiritismo laico”. Pensador e líder espírita dos mais respeitados no âmbito da CEPA.**

Como bem assinala Jon Aizpúrua, no artigo “A CEPA e o Laicismo”, publicado no livro *Espiritismo: O Pensamento Atual da CEPA*, o I Congresso Internacional do Espiritismo”, em 1888, recomendou “a difusão do laicismo em todas as esferas da vida”.<sup>5</sup>



O livro *"Espiritismo: O Pensamento Atual da CEPA"* está disponível em: <https://vdocuments.com.br/cepa-espiritismo-o-pensamento-atual-da-cepa.html>

Como muito bem esclarece Salomão Jacob Benchaya, em seu livro *Da Religião Espírita ao Laicismo – A Trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre*, "o laicismo é uma doutrina filosófica que apregoa a autonomia das atividades humanas em relação à religião"<sup>6</sup> (p. 133). Esse princípio, que teve seu auge na segunda metade do século XIX, época do surgimento do espiritismo, tinha como objetivo pôr termo, definitivamente, à intromissão da Igreja nas questões de Estado. Não visava, absolutamente, uma pregação antirreligiosa, mas, simplesmente arreligiosa. Benchaya, com propriedade, recorda a definição dada pelo Dicionário Aurélio, do adjetivo laico, ou seja: "o que vive no, ou é próprio do mundo, do século, secular (por oposição a eclesiástico)". O substantivo que lhe corresponde, "laicismo", é ali definido como a

*"doutrina que proclama a laicidade das instituições sociopolíticas e da cultura, ou que pelo menos reclama para estas a autonomia face à religião".<sup>7</sup>*

É justamente essa autonomia em relação às questões antes engessadas nos dogmas religiosos, no mistério, no sobrenatural, que o espiritismo rei-

vindica, desde sua origem. Temas fundamentais à própria natureza humana e à reflexão filosófica em torno desta, como a existência da alma ou espírito, sua imortalidade, sua comunicabilidade e processo evolutivo, teriam de ser tratados, segundo Kardec, de forma racional, mesmo que as religiões seguissem cuidando deles como artigos de fé, e ainda que muitas pessoas preferissem mantê-los no terreno das crenças com todos os envoltórios criados pelas religiões, tais como os cultos, as hierarquias sacerdotais e institucionais, os atos litúrgicos, etc. Para estas, o espiritismo seria um auxiliar, conferindo racionalidade às suas crenças.

Sem nenhuma pretensão de se tornar uma nova religião, o espiritismo propunha-se a atuar na condição de *"aliança entre a ciência e a religião"*, conforme propunha Allan Kardec no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*<sup>8</sup>, antepondo-se como um elo de ligação entre aquelas duas vertentes. A fé religiosa, graças à ciência experimental e à racionalidade aplicadas às questões fundamentais do espiritualismo, se transmudaria em **fé raciocinada**.

Fica, pois, claro que o espiritismo nasceu como uma proposta **laica**, sem qualquer conotação religiosa. Ou seja, como enfatizou seu fundador, embora se voltando para questões historicamente

tratadas pelas religiões, a nova ciência delas se ocuparia sob um outro viés, submetendo-as, como fatos presentes na natureza, a percorrerem os caminhos condutores do conhecimento. As próprias consequências morais resultantes desses princípios não se dariam por imposições da fé, ou por força de normatizações de cunho religioso ou sobrenatural, mas por convencimento pessoal, livre e autônomo, do sujeito capaz de assimilar aqueles conhecimentos e que, assim, concluísse por direcionamentos éticos com eles compatíveis.

**“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”<sup>8</sup> (p. 243).**

Allan Kardec - *O Evangelho Segundo o Espiritismo*

Os verdadeiros espíritas, logo, não deveriam se colocar na categoria dos “crentes”, mas na dos “livres-pensadores”. E, assim como fora enfático em situar o espiritismo como uma proposta hoje entendida como **laica**, Kardec o foi igualmente para designá-lo como uma filosofia **livre-pensadora**.

Em artigo que publicou na *Revista Espírita* de janeiro de 1867, Allan Kardec, em plena sintonia com as tendências do novo tempo em que se firmava a autonomia de pensamento, saudou o

advento de uma

*"nova denominação pela qual se designam os que não se sujeitam à opinião de ninguém em matéria de religião e de espiritualidade, que não se julgam ligados pelo culto em que o nascimento os colocou sem seu consentimento, nem à observação de práticas religiosas quaisquer"*<sup>9</sup> (p. 6).

Essa nova categoria de homens e mulheres, segundo ele, eram os "livres-pensadores". E ali ele situava os verdadeiros espíritas, explicitando: *"Todo homem que não se guia pela fé cega é, por isso mesmo livre-pensador"*, para acrescentar: *"A este título os Espíritas também são livres-pensadores"* (p. 6).

Com essas breves, mas meridianamente claras conceituações do fundador do espiritismo, parece não haver margem para dúvidas de que Kardec concebia a doutrina por ele sistematizada, a partir do largo intercâmbio mantido com os espíritos, como uma proposta:

- a) **laica**, isto é, não religiosa; e
- b) **livre-pensadora**, ou seja, produto da experiência e da razão, e não imposta por quem quer que fosse.

Uma coisa, porém, seria a proposta teórica de Allan Kardec, um respeitado pedagogo, livre-pensador,

inserido nas ideias iluministas e revolucionárias do pensamento, vindas do século XVIII e amadurecidas no século XIX, e outra seria a maneira como essas ideias haveriam de ser assimiladas pelo Ocidente cristão. Pelo simples fato de que aquelas questões, ao curso de toda a chamada “civilização cristã”, tinham sido do domínio exclusivo da religião, tornar-se-ia difícil ao homem comum retirá-las de lá, para situá-las no campo do secularismo e do laicismo. Até porque, por força da pregação religiosa do clero, preocupado com o avanço do racionalismo, do livre-pensamento e do laicismo, tais movimentos de ideias estavam, naquele justo momento, sendo propositadamente confundidos com ateísmo e antirreligiosismo. Decididamente, não interessava à religião – como ainda não interessa – perder o domínio exclusivo até então mantido sobre o terreno do espiritualismo.

Em síntese: as ideias de uma explicação racional para a existência de Deus, do espírito, assim como, e especialmente, para a possibilidade da comunicação do espírito com o mundo material e sua evolução, pelo processo da reencarnação, foram bem recebidas em amplos setores da Europa e, logo, das Américas. Mas, dissociá-las da religião não seria fácil. Tratava-se de fenômeno cultural demasiadamente arraigado na mente da maioria das pessoas.

Impunha-se, assim, segundo pensaram alguns, a formatação da “religião espírita”, coisa que estivera muito longe da cogitação de seu fundador. Fosse como fosse, no entanto, era o jeito de fazer o espiritismo deslanchar, avançar entre os crédulos, ganhar espaço e respeitabilidade no campo do sagrado, onde, em contraposição ao profano, se situavam todas as religiões.

Um novo caminho, dessa forma, era traçado para o movimento espírita. Sem dúvida, esse novo aspecto, o religioso, acrescido aos dois outros concebidos por Allan Kardec – o científico e o filosófico/moral –, trariam consequências para o seu desenvolvimento e identidade nos países em que passara a ser conhecido. O Brasil, com suas fortes raízes católicas, herdadas dos colonizadores portugueses, exerceu particular influência na formatação da “religião espírita”. Esta logo também seria adotada por alguns segmentos espíritas em países de língua espanhola, apesar de a Espanha, nas décadas seguintes à desencarnação de Kardec, ter sido um forte baluarte de resistência às tendências místicas e religiosas surgidas no seio do movimento. Em sintonia com o pensamento da CEPA – Confederação Espírita Pan-Americana, fundada na Argentina em 1946 (hoje CEPA – Associação Espírita Internacional) e contrariando

amplios setores do próprio espiritismo, sentimos que essa guinada objetivando sua vulgarização, dissentiu da proposta de Kardec e, de uma certa forma, prejudicou a progressiva assimilação, em termos de contemporaneidade, do projeto por ele sonhado. Kardec estava à frente de seu tempo e sabia do crescente desprestígio das religiões, nos segmentos mais cultos da sociedade, da laicização da cultura ocidental e da busca de uma nova espiritualidade não subordinada às hierarquias religiosas.

Analisando esse fenômeno, o filósofo espírita brasileiro, José Herculano Pires, apesar de identificar um aspecto religioso no espiritismo, reconheceu:

*"O que impediu a expansão do Espiritismo na Europa do século passado (Séc. XIX), de maneira a poder renovar a velha concepção de mundo ainda dominante, foi simplesmente seu aspecto religioso. Como o Cristianismo Primitivo, o Espiritismo foi acolhido com ansiedade pelas camadas pobres da população que o converteram por toda a parte numa nova seita cristã".<sup>10</sup> (p. 79)*



**José Herculano Pires**

(1914/1979)

Filósofo e escritor espírita paulista.



Com essa breve análise, podemos começar, agora, a formular respostas ou, pelo menos, ensaiar hipóteses explicativas para a questão inicialmente posta:

Enfim, por quê “espiritismo laico”? Existem, então, vários espiritismos? Ou o espiritismo é, de fato, e somente, aquele cujas linhas mestras e cuja identidade foram postas nas obras de seu fundador? Será correto vê-lo como uma religião?

Mesmo que as páginas seguintes deste pequeno livro, expondo e contextualizando aspectos históricos e culturais dessa caminhada, não sejam capazes de formular respostas definitivas para essa questão, presente desde os primórdios da formação do movimento espírita, pelo menos temos a pretensão de justificar nossas posições, não desconsiderando a chamada “religião espírita”, mas em sinal de respeito a Allan Kardec e de fidelidade ao grande projeto por ele lançado, em meados do século XIX.



## 2 **COMO SURTIU O SEGMENTO LAICO E LIVRE-PENSADOR**

*Salomão Jacob Benchaya*

Apesar de o espiritismo ter nascido como uma doutrina espiritualista não religiosa – Kardec sempre afirmou não ser ele uma religião – não tardou para que fosse confundido com uma seita. A primeira acusação de que o espiritismo surgira como uma nova religião partiu da própria Igreja, na pessoa do Abade François Chesnel, com quem Kardec polemizou através do periódico *L'Univers*.<sup>11</sup>

A publicação das obras que se seguiram ao lançamento de *O Livro dos Espíritos*<sup>12</sup> e *O Livro dos Médiuns*<sup>13</sup> – em especial *O Evangelho Segundo o Espiritismo*<sup>8</sup>, *O Céu e o Inferno*<sup>14</sup> e *A Gênese*, os

*Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*<sup>15</sup>, todas enfatizando uma acentuada relação entre a revelação espírita e o cristianismo – contribuiu, de certa forma, para a formação de um movimento de caráter religioso, notadamente no Brasil, onde a nova doutrina encontrou um solo fértil para sua disseminação.

Merece ser ressaltado, todavia, que, em alguns países, especialmente de língua espanhola, desenvolveu-se uma concepção espírita laica e livre-pensadora, conforme explica o pesquisador Herivelto Carvalho em seu trabalho *Da Espanha às Américas: a trajetória da tradição espírita livre-pensadora*, do qual destaco os seguintes trechos:

*"Podemos afirmar que o surgimento da tradição espírita livre-pensadora ocorreu, no final do séc. XIX, quando as obras de Allan Kardec se popularizaram na Espanha. Seus expoentes iniciais foram Alverico Perón, Fernandez Colavida, Torres-Solanot e Amália Domingo Soler. Esta tradição adquire características próprias não porque fez um rompimento com o pensamento kardecista, mas sim pelo método de desenvolvimento adotado e pelo modo de atuação no seu contexto social, que se distinguiu do modo como os espíritas franceses praticavam e divulgavam o Espiritismo. (...) Esse movimento desenvolveu grande unidade e atuação na sociedade espanhola, cuja proposta filosófica*

*se apresentava como a superação das religiões positivas. Esta forma moderna de espiritualismo rejeitava os elementos de dogmatismo existente nas religiões do passado e pretendia desenvolver uma nova espiritualidade racional, capaz de se relacionar com a filosofia e a ciência. Pelas particularidades que o mesmo desenvolveu, formou uma escola de pensamento que tem como atributo principal a interpretação do Espiritismo como um sistema de ideias aberto, progressivo, não-dogmático e relacionado com o livre-pensamento, constituindo, portanto, no sentido filosófico, uma tradição. (...) Apesar de as ideias de laicidade, livre-pensamento e constante atualização serem praticadas por espíritas latino-americanos e espanhóis, desde as últimas décadas do séc. XIX, com o passar dos anos, no âmbito do movimento espírita pan-americano, o conhecimento acerca desse fato ficou perdido, a ponto de muitos integrantes desse movimento acreditarem que tais ideais se consolidaram após a fundação da Confederação Espírita Pan-americana em 1946.”<sup>16</sup>*

A CEPA, na verdade, viria resgatar essa forma de abordagem do espiritismo, como veremos a seguir.

Na América Latina, o segmento laico tem especial destaque na Argentina e na Venezuela, além do Brasil.

## VOCÊ SABIA?

Que a CEPA - Associação Espírita Internacional (anteriormente denominada Confederação Espírita Pan-americana) é uma organização fundada em 05/10/1946, na Argentina, que defende e divulga o espiritismo sob uma perspectiva laica, livre-pensadora, progressista, humanista e pluralista?

Para Jon Aizpúrua<sup>17</sup>, a expressão “Espiritismo Laico” engloba

*“vários matizes entre seus seguidores, divulgadores ou representantes, segundo as épocas e os países. Todavia, há algumas linhas gerais que podem ser consideradas. Por exemplo, na Venezuela, podem ser mencionados dois momentos fundamentais: em 1958, a fundação do CIMA sob o nome de Centro de Investigações Metapsíquicas e Afins, reconstituído como Movimento de Cultura Espírita CIMA a partir de 1974. O fundador desta instituição foi David Grossvater, autor de livros como ‘Por los fueros del espíritu’ (1954), ‘Razonamientos espiritistas’ (1961), ‘Investigaciones sobre Psicología del espíritu’ (1955), ‘Psicología del Espíritu’ (1961), ‘Gnoseologia Espiritista’ (1961) e ‘Espiritismo laico.’”*

Este último livro foi lançado em 1966, e é, certamente, a partir dele que se popularizou a expressão *espiritismo laico*.



**Jon Aizpúrua**

Psicólogo e professor universitário, escritor e conferencista internacional, sucessor de David Grossvater, presidente do Movimento de Cultura Espírita CIMA, da Venezuela, ex-presidente da CEPA e seu atual Assessor de Relações Internacionais.

"O outro momento básico" – assevera Aizpúrua: *"foi a fundação na cidade de Maracaibo, em 1960, da Federação Espírita Venezuelana (FEV), que se constituiu sobre bases nitidamente kardecistas e laicas, e que agrupou cerca de 20 sociedades espíritas da Venezuela, apesar de que nem todos esses centros estivessem ideologicamente identificados com uma visão livre-pensadora. O inspirador e principal dirigente da FEV foi o advogado e professor universitário Pedro Barboza de la Torre, autor de várias obras espíritas, como 'Repertório experimental para a mediunidade' e 'Da sombra do dogma à luz da razão'. A FEV se dissolveu em 2002 após a desencarnação de Barboza."*<sup>17</sup>

Segundo, ainda, Aizpúrua:

*"Na Argentina, há uma longa tradição de laicismo no ambiente espírita, apesar de alguns matizes.*

*Líderes históricos como Cosme Mariño e Felipe Senillosa, e outras personalidades da Asociación Espiritista Constancia, poderiam ser identificados com essa linha. Mas será com Manuel Porteiro que se estabelecerá uma clara posição ideológica nesse país, a partir de sua atuação na Confederación Espiritista Argentina (CEA), conforme registram os editoriais e artigos da revista La Idea. A CEA foi a entidade promotora da criação da CEPA, em 1946. Posteriormente, na década dos anos 80, a CEA mudou completamente sua orientação, se desligou da CEPA e se integrou ao CEI-Conselho Espírita Internacional, da FEB."*

*"Após a saída da CEA, espíritas mais progressistas, pertencentes principalmente à Sociedad Espiritismo Verdadero, da cidade de Rafaela, fundaram o Conselho de Relações Espíritas da Argentina (CREA) e congregaram várias sociedades espíritas argentinas que permaneceram alinhadas à CEPA."*

*"Em Cuba, havia uma longa tradição de espiritismo laico e livre-pensador onde se destacou o grande pensador e divulgador Salvador Molina. A Confederación Espiritista de Cuba (CEC), durante várias décadas do século XX, teve uma intensa atividade e em suas resoluções assumia abertamente uma postura laica, humanista e progressista. A CEC participou ativamente da CEPA e em 1953, promoveu, em Havana, o III Congresso Espírita Pan-americano."<sup>17</sup>*

De acordo com Aizpúrua:

*"Infelizmente, o regime marxista que se instalou em Cuba, desde 1959, perseguiu a todas as instituições que não compartilhavam a ideologia materialista e ateísta cujas sedes foram fechadas e suas atividades perseguidas. A CEC se dissolveu em 1962 quando muitos de seus líderes já haviam desencarnado ou saído para o exílio forçado."<sup>17</sup>*

Segundo o ex-presidente da CEPA:

*"Em Porto Rico, também houve uma longa trajetória do espiritismo laico. A antiga Confederación de los Espiritistas de Puerto Rico, que chegou a agrupar centenas de sociedades espíritas, era muito radical em suas posições contrárias às tendências cristãs ou místicas, como bem revelava a sua prestigiosa revista mensal "Cosmos". Em Porto Rico atuou, e também em Nova York, um dos pensadores espíritas mais importantes da hispano-américa: William Colón. Autor de vários trabalhos e conferencista, sua visão espírita laica assumia, às vezes, feições muito radicais de antirreligiosidade e anticlericalismo, e por esse motivo foi muito criticado."<sup>17</sup>*

Merece ser mencionado que o modelo kardeciano não teve expansão nos países anglo-saxônicos onde predomina o chamado *new spiritualism*, de cunho acentuadamente fenomênico e igrejeiro, com presença de profissionalismo religioso.



No Brasil, muitos dos primeiros líderes espíritas provinham das fileiras do catolicismo, mas apreciadores da obra dissidente *Os Quatro Evangelhos*, de Jean Baptiste Roustaing, acabaram por formatar um “espiritismo à brasileira”<sup>18</sup>. Na Bahia, onde surgiu o primeiro centro espírita e o primeiro jornal espírita no Brasil – *O Eco de Além-Túmulo* – o seu fundador, Luiz Olímpio Teles de Menezes, católico fervoroso, amigo de Roustaing, convertido ao espiritismo, escreveu, em polêmica travada com o Padre Juliano José de Miranda, do Arcebisado de Salvador, que

*“o Espiritismo e o Catolicismo são a mesma Igreja de nosso SENHOR JESUS CRISTO: somente estão mudados os tempos e as palavras; O Espiritismo é o tradutor fiel, pelos enviados de Deus, das doutrinas do Evangelho”*<sup>19</sup> (p. 89).

Importante, também, a contribuição do médium Francisco Cândido Xavier e do seu espírito-guia Emmanuel para o desenvolvimento da religião espírita.

É evidente em toda a obra psicográfica de Francisco Cândido Xavier a pregação evangélica dos espíritos comunicantes, em sintonia com o posicionamento extremamente religioso do médium. Seu guia espiritual Emmanuel, sacerdote em encarnação

anterior, é autor, inclusive, do livro *“Religião dos Espíritos”*<sup>20</sup>.

A primeira tentativa de resgate do caráter não religioso do espiritismo, no Brasil, surgiu com Afonso Angeli Torteroli, advogado, jornalista e professor, fundador do Centro da União Espírita do Brasil, em 06/09/1881, a primeira instituição unificadora do movimento espírita nacional, de curta duração, em meio a uma discussão ideológica existente entre “místicos” e “científicos”. Torteroli participou da fundação da Federação Espírita Brasileira (FEB), em 01/01/1884. Em agosto de 1897, sob sua liderança, os “científicos” do Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil, lançam a tríade CIÊNCIA-FILOSOFIA-MORAL na *Revista Espírita do Brasil*.<sup>21</sup>

Com a assunção de Bezerra de Menezes, integrante do grupo dos “místicos”, à presidência da FEB, em duas gestões - 1889 e 1895 -, aos poucos a ideia de que o espiritismo era religião passou a ser aceita pelo movimento espírita.

Segundo Quintella (2020), em 1929, Carlos Imbassahy afirma: “Há que encarar o espiritismo sob o seu tríplice aspecto: o de Ciência, o de Filosofia e o de Religião.”<sup>21</sup>, cunhando a trilogia Ciência-Filosofia-Religião que seria depois reafirmada na obra *O Con-*

*solador* (1940), do espírito Emmanuel, editada pela FEB. No capítulo inicial do livro, Emmanuel afirma:

*"Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais. A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu."*<sup>22</sup> (p.19).

Carlos Imbassahy reforça o aspecto religioso do espiritismo no seu livro *Religião* (1942), também publicado pela FEB.<sup>23</sup>

## VOCÊ SABIA?

Que a obra *Religião*, de Carlos Imbassahy, surgiu como uma contestação aos argumentos que o então Diretor do Ensino, em São Paulo, Dr. Almeida Jr., empregara em seu Parecer para negar autorização para o ensino espírita às crianças do Grupo Escolar de Itobi? Em seu Parecer, o Diretor asseverava não ser o Espiritismo religião. Argumentava Imbassahy, em defesa do espiritismo, que tal medida resultaria no cerceamento da liberdade religiosa garantida pela Constituição aos demais cultos.

De 1961 a 1973, a laicidade do espiritismo volta a ser discutida por espíritas do MUE-Movimento Universitário Espírita, de São Paulo. No final da década de 1960 o MUE, já difundido pelo país, passa

a ostentar um caráter mais social e político, sob influência do pensamento filosófico dos pensadores argentinos Humberto Mariotti (1905 - 1982) e seu *Parapsicologia e Materialismo Histórico*<sup>24</sup> e Manuel S. Porteiro (1881 - 1936) com seu livro *Espiritismo Dialético*<sup>25</sup>, além de outras influências marxistas, como David Grossvater e seu *Espiritismo Laico*<sup>4</sup>, Eusínio Lavigne e Souza do Prado com a obra *Os espíritas e as questões sociais*,<sup>26</sup> e Jacob Holzmann Netto (1934 - 1994) com *Espiritismo e Marxismo*<sup>27</sup>, obras que serviram de inspiração para o discurso crítico, laico e politizado dos universitários espíritas da época.<sup>28</sup>

Todavia, no Brasil, é em 1978 que a defesa do caráter laico do Espiritismo ressurge com maior vigor e qualificação com o chamado “grupo de Santos”, principalmente através do jornal *Espiritismo e Unificação*, órgão oficial da UMES - União Municipal Espírita de Santos e da LICESPE-Editora. Esse grupo, liderado pelo jornalista e psicólogo Jaci Régis, era também integrado por José Rodrigues, Egydio Régis, Henrique Diegues e outros. Vários deles eram integrantes da UMES, mantinham forte atuação na USE-SP - União das Sociedades Espíritas de São Paulo e instituíram a campanha denominada de “espiritização” do movimento, combatendo a igrejificação do espiritismo e promovendo a cultura espírita.



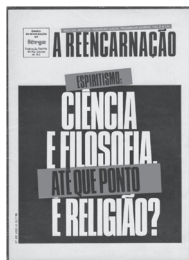
**Jaci Régis**  
(1932-2010)

Jornalista, economista e psicólogo catarinense, dirigiu o Centro Espírita Allan Kardec, a Comunidade Assistencial Espírita Lar Veneranda, a União Municipal Espírita de Santos, fundou a editora Divulgação Cultural Espírita (Dicesp) e o jornal *Espiritismo e Unificação*. Depois de romper com o movimento religioso, fundou o *Jornal Abertura*, a Livraria Cultural Espírita (Licespe) e o Instituto Cultural Kardecista de Santos.

Em 1986, alguns integrantes desse grupo concorrem à presidência da USE-União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo com a chapa Unificação, sendo derrotados pela chapa conservadora.

Nesse mesmo ano, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS) que, desde 1978, era conduzida pelo grupo oriundo da S.E. Luz e Caridade (SELC), atual Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA), integrado por Maurice Herbert Jones, Salomão Jacob Benchaya e Milton Rubens Medran Moreira, entre outros, lança, em 1986, o "Projeto: Kardequizar", revelando uma sintonia com a campanha pela "espiritização" deflagrada por Jaci Régis e seu grupo.<sup>6</sup>

Em outubro de 1986, com o lançamento, pela FERGS, da edição de nº 402 da revista *A Reencarnação*, cuja capa dizia “*Espiritismo: Ciência e Filosofia. Até que ponto é Religião?*”, ocorre uma forte reação conservadora e, na eleição seguinte, uma nova diretoria assume a Federação e reafirma o caráter religioso da Doutrina Espírita.



Merece destaque, na consolidação do segmento laico e livre-pensador espírita, no Brasil, a promoção do Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita (SBPE), idealizado por Jaci Régis, realizado bienalmente, de 1989 a 2017, pelo Instituto Cultural Kardecista de Santos (ICKS). Esse evento contribuiu para o retorno da Confederação Espírita Pan-americana (CEPA) ao Brasil, do qual estava ausente desde 1949, após a realização do seu II Congresso Pan-americano, no Rio de Janeiro, com o apoio da Liga Espírita do Brasil. Naquela ocasião, a Federação Espírita Brasileira (FEB), reunindo alguns dirigentes de federativas estaduais presentes no evento pan-americano, instituiu o chamado “Pacto Áureo”, expresso numa Ata que orienta o movimento espírita federado no Brasil.

A CEPA sempre se manteve distante do religiosismo vigente no espiritismo brasileiro.

A FEB, por sua vez, nunca admitiu filiar-se a uma organização espírita internacional, mas participou do III Congresso da CEPA, realizado em Cuba, em 1953. Nesse congresso, a CEPA firmou sua postura laica, não-religiosa, o que motivou o afastamento da FEB daquele evento e dos que a CEPA organizou posteriormente.

É durante o III SBPE, em 1993, que Salomão Benchaya e Milton Medran Moreira, dirigentes do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA), ali presentes, recebem o convite de Jon Aizpúrua, recém-eleito presidente da CEPA, para adesão do CCEPA àquela confederação.<sup>6</sup>

Em 1994, a CEPA endereça a Circular nº 004 ao Movimento Espírita Brasileiro manifestando sua disposição de estreitar laços entre todas as Sociedades e Federações Espíritas do continente americano e convidando-as a se filiarem institucionalmente. Essa Circular produziu uma enérgica reação por parte da FEB que publica no Reformador, em 1994, o Editorial “O Joio e o Trigo”. Abaixo, o trecho final desse pronunciamento:

*(...) Ainda há pouco o Movimento Espírita brasileiro experimentou injustificável agressão, proferida por instituição que pretende liderar o movimento espírita nas Américas, mas que age de forma*

*antiética e autoritária na defesa da interpretação restritiva da Doutrina.*

*Os espíritas sinceros, os espíritas cristãos, não podem fugir à realidade da existência dos pretensiosos cultivadores do "eu" no seio do Movimento. É mais um óbice à vencer.*

*A vigilância torna-se imperiosa, especialmente diante desses imprudentes companheiros, que prejudicam enormemente a Doutrina e seu movimento. Há que se aprender a conviver com eles, assim como o trigo que cresce com o joio, sem contudo se misturar"<sup>29</sup> (p. 6).*

Com a filiação do CCEPA à CEPA, em 1995, estrutura-se o eixo São Paulo – Rio Grande do Sul que dá suporte ao retorno da CEPA ao Brasil. Esse fato se concretiza, em 2000, com a realização do XVIII Congresso Espírita Pan-americano, em Porto Alegre, quando a sede da CEPA transfere-se para o Brasil, com a eleição do jornalista e advogado Milton Rubens Medran Moreira, do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre, para a sua presidência.






Em 2003, é fundada, com o nome de CEPAmigos, a Associação Brasileira de Delegados e Amigos da CEPA (atualmente CEPABrasil) cuja atuação marca o processo de consolidação do segmento espírita laico e livre-pensador, no Brasil.

Por sua vez, a CEPA, durante a realização do XX Congresso Espírita Pan-americano, em Rosário, Argentina, atendendo aos insistentes clamores, principalmente da comunidade espírita da Europa, modificou seus estatutos, transformando-se na CEPA- Associação Espírita Internacional, sendo mantida a sigla original e transformando-se, principalmente, num movimento de ideias.



*<https://cepainternacional.org/>*

Definitivamente, hoje, a existência e crescimento de um segmento laico e livre-pensador no movimento espírita é uma realidade.



### **3 AS DIFERENÇAS ENTRE A RELIGIÃO ESPÍRITA E O ESPIRITISMO LAICO**

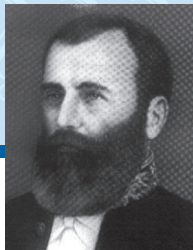
*Salomão Jacob Benchaya*

O uso da expressão “espiritismo laico” é decorrente da necessidade de se identificar o segmento constituído por espíritas que não consideram o espiritismo como religião e o divulgam sob uma visão humanista, livre-pensadora, progressista, pluralista e alteritária. O ideal seria não adjetivar o espiritismo. Nem espiritismo laico, nem espiritismo cristão. Mas, é praticamente impossível ignorar suas diversas vertentes interpretativas, especialmente relativas à questão religiosa, como veremos neste capítulo.

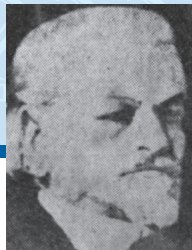
O “espiritismo laico” se contrapõe, sem qualquer pretensão hegemônica, ao modelo dominante de “espiritismo religioso, cristão e/ou evangélico”. É fato que, no Brasil, desde os seus primórdios, o movimento espírita já se dividia entre “místicos” e “científicos” sendo que a partir da gestão de Bezerra de Menezes à frente da FEB, especialmente a partir de 1895, restou predominante o formato de religião espírita. Enquanto no espiritismo religioso se apregoa a tríade ciência-filosofia-religião, entre os laicos considera-se o espiritismo como ciência-filosofia-moral, apesar de Kardec nunca haver feito essa tripartição.

## VOCÊ SABIA?

No final do século XIX o movimento espírita no Brasil já se dividia entre “místicos” e “científicos”, os primeiros liderados por Bezerra de Menezes e estes por Afonso Angeli Torteroli.



*Bezerra de Menezes*



*Afonso Angeli Torteroli*

Ao observador menos atento parecerá que quase nenhuma diferença faz considerar ou não o espiritismo como religião. Todavia, dependendo do ambiente - laico ou religioso - que se coloque sob observação, poder-se-á perceber diferenças significativas, características próprias de ambos os lados, tanto na interpretação da doutrina, como em posturas comportamentais dos adeptos ou nas práxis das casas espíritas. Nota-se que, embora Allan Kardec tenha afirmado, repetidamente, que o espiritismo é uma Ciência Filosófica de consequências 'morais - e não uma Religião', ele parece ter deixado margem a que fosse considerado como tal ao estabelecer um vínculo com a tradição judaico-cristã e ao classificá-lo como 3ª Revelação Divina e Consolador Prometido, dedicando três de suas obras – *O Evangelho Segundo o Espiritismo*<sup>8</sup>, *O Céu e o Inferno*<sup>14</sup> e *A Gênese*<sup>15</sup> – ao estudo e à interpretação espírita do Novo Testamento. Tal fato, possivelmente, decorreu da forte influência do eurocentrismo cristão na cultura ocidental e do indisfarçável esforço de Kardec para demonstrar que o espiritismo não era antirreligioso.

Aqui deve-se esclarecer que, na época de Kardec, era legítimo classificar o espiritismo como Ciência e Filosofia – Ciência Moral e Filosófica, como informa o pesquisador Paulo Henrique de Figueiredo (2019),

em sua obra *Autonomia: a história jamais contada do espiritismo*<sup>30</sup> – visto que a Ciência era espiritualista sob a tutela do Espiritualismo Racional vigente nas universidades da Europa. Afirmava-se, sob esse contexto, ser “o homem uma alma encarnada”. Hoje, há dificuldade de enquadrar o espiritismo no ramo das ciências face ao paradigma materialista que norteia o conhecimento científico.

O que torna, então, o espiritismo - uma ciência filosófica de consequências morais - incompatível com uma concepção religiosa? É bom esclarecer que, muito embora Kardec tenha proposto uma aliança entre Ciência e Religião, ao espiritismo não caberia, na sua acepção, assumir o papel da Religião, mas sim o de traço de união entre aquelas duas áreas do conhecimento, subsidiando-as naquilo em que revelavam ser carentes – os dados oferecidos pelo espiritismo.

Ciência e Religião, consideradas de per si, refletem visões conflitantes. A Religião é portadora de verdades imutáveis e incontestes pois as consideram, pretensiosamente, como sendo de origem divina. A Ciência, por sua vez, duvida, investiga, questiona, oferece elementos de convicção. Pressupõe que não há verdades definitivas. A Religião impõe a crença cega, tem certezas e abomina a dúvida, daí

seus dogmas. A suposta origem divina dá à Religião um caráter de superioridade e de exclusividade, numa negativa implícita ao diálogo e à inclusão. Consequentemente, contrapõe-se ao caráter progressivo, questionador e dinâmico inerente ao espiritismo. A mentalidade religiosa carrega consigo uma série de características danosas - principalmente a imobilidade e a rigidez dogmáticas, o ufanismo salvacionista e o sectarismo -, às vezes imperceptíveis, que a perspectiva laica supera dando ao espiritismo condições de permanência e de sobrevivência. Como Religião e, portanto, como objeto de crença, o espiritismo não pode ter assento nas discussões da Academia, portanto, da Ciência, nem da Filosofia.

Embora, para muitos, o espiritismo não preencha, hoje, os requisitos para ser considerado Ciência ou Filosofia, conforme informa o escritor e pesquisador espírita Paulo Henrique de Figueiredo (2018),

*"nos tempos de Kardec, considerava-se positiva a Ciência que tinha como objeto descobrir as causas e as leis dos fenômenos e fatos, estudando-os pelos métodos de observação, experimentação e indução, a partir dos quais podia-se deduzir suas leis" (...) "Allan Kardec, ao qualificar o Espiritismo entre as Ciências Filosóficas e as Psicológicas e elaborar um método científico próprio para estudar os fatos espíritas, inseriu-o, adequadamente, entre as Ciências positivas aceitas em sua época."<sup>31</sup> (p. 48)*

O argumento de que Kardec afirmou, alguns meses antes de sua desencarnação, que, no sentido filosófico, o espiritismo era religião<sup>2</sup> não é empregado adequadamente visto que o fundador do espiritismo não se referia ao conceito popularizado de religião – religião do homem a Deus, oriundo da Igreja e que remete à teologia da queda dos anjos e da involução –, mas à ideia que desenvolvera, no início do seu discurso de 2 de novembro de 1868, acerca do “laço” e da “comunhão de pensamentos” que se estabelecem entre pessoas, ou seja, um laço social, horizontal, “*um fenômeno de gregarismo, união de afins*”.<sup>32</sup>

Confira: Em 1985, foi publicado o livro *O Laço e o Culto: é o espiritismo uma religião?*, do pensador espírita Krishnamurti de Carvalho Dias, que desencadeou intensas discussões sobre o caráter religioso do espiritismo.

O discurso de Allan Kardec em que indica claramente que o espiritismo não é uma religião pode ser lido na íntegra na Revista Espírita de dezembro de 1868 e pode ser acessado em:

<https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/902/revistaespirita-jornal-de-estudos-psicologicos-1868/6330/dezembro/sessao-anual-comemorativa-dos-mortos>.



Isso posto, examinaremos, a seguir, sem qualquer laivo de superioridade e com o respeito que merecem nossos companheiros que militam em outras correntes do espiritismo, algumas características e idiosincrasias que distinguem o que chamamos de “Religião Espírita” do “espiritismo laico e livre-pensador”.

Assim, vamos encontrar na obra de Allan Kardec afirmativas do tipo: “o espiritismo é a revivescência do cristianismo”, “a 3ª Revelação Divina, o Consolador Prometido por Jesus”, fartamente apregoadas no segmento religioso e que, de maneira geral são evitadas no segmento laico, em razão do caráter sectário e excludente daquelas assertivas. Tais concepções, defendidas por espíritas religiosos, compreensíveis dentro do contexto cultural em que viveu Kardec, tornaram-se superadas sob a ótica da laicidade. Tais atributos, aplicáveis num contexto religioso, são absolutamente incompatíveis com o caráter de ciência filosófica pretendido pela doutrina espírita.

Há uma tendência, entre os espíritas religiosos, de atribuir ao espiritismo, ufanisticamente, uma condição de completude e de exclusivo domínio da verdade que o situa acima da Ciência. Já na visão laica, o espiritismo é uma área de conhecimento que se desenvolve e que tem muito a aprender com



outras disciplinas, assim como também contribuir com estas; não é uma revelação no sentido teológico, nem está acima de nenhum saber humano.

Na perspectiva religiosa, a Doutrina Espírita foi ditada pelos “espíritos superiores”, sendo Kardec um mero secretário que organizou e publicou as informações recebidas. Numa leitura não religiosa, o espiritismo resulta da parceria de seres humanos, encarnados e desencarnados, destacando-se a figura do professor Rivail como fundador da Filosofia Espírita, tal a originalidade, importância e a complexidade de seu trabalho e a metodologia por ele adotada na sua sistematização, reflexo nítido da sua condição de pedagogo e de humanista racional. Este não é apenas o “secretário” dos espíritos; é o sistematizador, autor, codificador e fundador do espiritismo. Diminuir o seu papel e exaltar os mentores espirituais é manobra para excluir a possibilidade de falha. Caracterizando-o como coadjuvante menor, é possível divinizar e sacralizar a revelação espírita, tornando-a irretocável.

Nesse ponto, Kardec foi enfático, recusando a imobilidade da Doutrina Espírita, quando afirma, em texto de *Obras Póstumas*, intitulado *Constituição do Espiritismo - Dos Cismas*, que

*"Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as*

*ideias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade.*"<sup>33</sup> (p.349)

Um ponto em que divergem profundamente o Espiritismo Laico e a Religião Espírita refere-se à necessidade de atualização doutrinária. Nesse aspecto, os religiosos aparentemente não levam em conta as recomendações de Kardec, contidas em "A Gênese"<sup>15</sup> e "Obras Póstumas"<sup>33</sup>, quanto à sintonia do espiritismo com o progresso, preferindo esperar que os "espíritos superiores", caso achem necessário, venham atualizar a Doutrina, não reconhecendo nos homens autoridade e competência para tal. Essa não é a atitude dos laicos e livres-pensadores que, sem conferir nenhuma prerrogativa de exclusividade ou de rotulagem institucional aos seus estudos e proposições, vêm oferecendo contribuições que, nitidamente, constituem avanços e, até mesmo, revisões da obra do fundador, como também em relação a distorções introduzidas por espíritos, médiuns ou instituições supostamente espíritas. Nesse aspecto, destaca-se a iniciativa da CEPA que, em seu XVIII Congresso, realizado de 11 a 15 de outubro de 2000, em Porto Alegre, debateu a questão da atualização doutrinária sob a temática "*Deve o Espiritismo Atualizar-se?*".

### Para saber mais:

Acesse os principais trabalhos apresentados no XVIII Congresso da CEPA, disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/13797500/CEPA-A-Cepa-e-a-Atualizacao-do-Espiritismo>

Enquanto nas casas espíritas de orientação religiosa é comum a “pregação moral-evangélica”, onde predomina a utilização de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*<sup>8</sup> como principal obra básica, ao qual, inclusive, é dedicado um “Culto do Evangelho no Lar”, os espíritas laicos e livres-pensadores preferem o estudo reflexivo e questionador a partir de *O Livro dos Espíritos*<sup>12</sup> e *O Livro dos Médiuns*<sup>13</sup>, sem desprezar as demais obras, entre as quais a coleção da *Revista Espírita*. Reuniões realizadas no ambiente doméstico são apenas reuniões de estudo do espiritismo, sem nenhum ritual, com ou sem a manifestação de espíritos.

Para o segmento laico e livre-pensador, predomina o conceito de *moral autônoma* (comportamento orientado pelo uso da razão e do livre-arbítrio), enquanto que, para a vertente religiosa, vigora sobretudo o conceito de moral heterônoma (submissão, obediência a normas e regras impostas externamente). Na moral heterônoma, sobressai a lógica da culpa e do castigo, numa ilação deturpada da lei de causa e efeito.

É comum verificar-se que, em muitas casas espíritas de feição religiosa, seus frequentadores são tratados, de modo geral, como “assistidos”, caracterizando a função terapêutica dessas instituições. Em sua maioria, as pessoas que frequentam essas casas o fazem em busca de “tratamento” e, nessa condição, são recebidas. Nas poucas instituições laicas, sem que deixem de oferecer consolo e socorro a quem necessite, o ambiente é propício à participação de interessados em conhecer o espiritismo, onde passam a ter mais foco e destaque as reuniões de estudo e debates, com menor ênfase em atividades socorristas e terapêuticas, como é o caso das sessões de passe, de preces e irradiações e de desobsessão. Não que, momentaneamente, não sejam úteis, desde que não caracterizem um processo de geração de dependência externa. Se houver atividades específicas para crianças e jovens, constituirão grupos de educação infantil, grupo de jovens etc., mas não destinadas à “evangelização das novas gerações”, que é missão de católicos e protestantes. Sob o manto da religião, a principal tarefa do espiritismo e dos espíritas é “evangelizar” a Humanidade, diferentemente do que fora definido por Kardec – demonstrar a realidade do espírito e refletir sobre as consequências morais decorrentes. Para o espiritismo laico, a transformação

moral do Homem seria decorrência de seu esforço consciente e livre, para a qual muito contribuiria o conhecimento do espiritismo.

Nessa linha de raciocínio, outra expressão, muito comum entre os religiosos – o “pentateuco kardequiano” –, é evitada no ambiente laico. Expressão inapropriada, pois se refere, etimologicamente, aos primeiros cinco tomos da Bíblia Sagrada, atribuídos a Moisés, e por restringir a somente cinco livros toda a obra do fundador do espiritismo, de mais de duas dezenas de volumes, onde se incluem *O que é o Espiritismo*<sup>1</sup> e os doze volumes da *Revista Espírita*.

É oportuno também destacar que, enquanto a “religião espírita” congrega grande parte de suas instituições dentro do chamado movimento federativo ou de unificação, cuja orientação está calcada na obra mediúnica de ficção literária *Brasil: Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, editada pela FEB<sup>34</sup>, no segmento laico e livre-pensador predomina a feição de um movimento de ideias, de caráter diversificado e plural, cuja unidade repousa em princípios doutrinários basilares, no respeito ao livre exame e na convivência fraterna e alteritária.

O movimento de “Unificação” de orientação religiosa busca preservar uma suposta “pureza doutrinária”, com a observância de normas orienta-

doras e um discurso único e exclusivo, dentro de complexa e pesada estrutura organizacional. No segmento laico, os congressos, conferências e simpósios são, principalmente, foros de discussão, de debate e de intercâmbio de experiências. A CEPA, por exemplo, garante a todas as pessoas e instituições a ela vinculadas o direito irrenunciável à liberdade de pensamento, de expressão, de discussão e de crítica. Uma instituição que se filia à CEPA não está subordinada a regulamentos de obediência à normas emanadas por aquela. É um tipo de relação que se dá pela identidade (comunhão) de pensamentos, fraterna, democrática e de cooperação mútua entre as instituições e pessoas que a integram. A CEPA evita oferecer programas, diretrizes ou manuais de procedimentos para as instituições associadas, deixando a estas total liberdade de ação.

Sob a perspectiva secular, laica, do espiritismo, não cabe a denominação das casas espíritas como templos, santuários, sinagogas, casas de oração ou similares.

Na área da mediunidade, vigoram no ambiente religioso as atividades de cunho marcadamente socorrista e terapêutico. A quase totalidade dos centros espíritas mantém, como atividade predominante, a ministração do passe, o que garante maior parcela de público presente às reuniões. Não são

raras, também, as casas que realizam sessões de tratamento espiritual ou de desobsessão, algumas transformadas em verdadeiro processo de iniciação de adeptos. As reuniões de intercâmbio mediúnicos são predominantemente voltadas à doutrinação de espíritos carentes – antigamente chamadas “sessões de caridade”. Há casas que realizam reuniões exclusivamente para orações pelos necessitados – as chamadas sessões de preces e irradiações. No afã de prestar socorro às grandes massas de aflitos que, diante da escassez e da precariedade dos serviços públicos, notadamente no Brasil, acorrem aos centros espíritas, algumas se tornaram mega-instituições com milhares de trabalhadores e assistidos em seus salões e corredores. A práxis laica busca, de preferência, resgatar o papel da mediunidade na investigação e na comprovação da imortalidade da alma, sob critérios racionais, preferentemente em pequenos grupos, como recomendado por Kardec, e não apenas como instrumento de socorro a espíritos aflitos ou de cura para enfermidades psicossomáticas.

Com relação ao ensino do espiritismo, nas casas espíritas laicas – poucas, no Brasil, já dissemos – suas reuniões enfatizam a busca e a disseminação do conhecimento espírita. Predominam reuniões de estudo, cursos, seminários, atividades mediúnicas voltadas mais para a investigação e pesquisa do que

para o socorro e tratamentos. Nas reuniões públicas não é costume o uso de preces para abertura e encerramento dos trabalhos. Em razão disso, as estatísticas de frequência são mais modestas. Nesse modelo se enquadra o Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA), do qual os autores deste trabalho são ex-presidentes, cujas reuniões são exclusivamente de estudo e debates, e que não tem sessões de passes ou de tratamento espiritual, sendo seus grupos de estudo constituídos por participantes oriundos de cursos de espiritismo abertos à comunidade. Em nenhuma de suas reuniões há pregações de cunho evangélico-moral. São todas de caráter reflexivo, abertas ao questionamento e mesmo a críticas ao texto doutrinário. Todavia, o emprego de terapias espirituais como passes e desobsessão em instituições de caráter laico é circunstancial e jamais prioritário entre as suas atividades.

Coerente com sua postura religiosa, o movimento espírita hegemônico assume, muitas vezes, um caráter salvacionista, ufanista e sectário. *"Ao espiritismo e aos espíritas cabe a missão de transformar a Humanidade por ser a Terceira Revelação Divina". "A Ciência um dia alcançará aquilo que o espiritismo vem afirmando". "O espiritismo não só tem um aspecto religioso; ele é 'a' Religião!"*. Essas



assertivas refletem o olhar de superioridade e menosprezo que a Religião Espírita estende sobre aqueles que pensam diferente. A CEPA e os seus integrantes, inclusive, já foram e ainda são considerados em alguns setores como não espíritas. Por sua vez, no segmento laico, pelo menos no âmbito da CEPA, predomina a ideia de que o espiritismo interage com todos os ramos do saber, com eles contribui e deles absorve conhecimento, como toda Ciência. A CEPA, fiel ao pensamento de Kardec, propugna e assume uma postura humanista, progressista, pluralista e alteritária, com o que busca permanentemente o diálogo aberto e fraterno entre os espíritas e com outras escolas de pensamento.

Outros conceitos do espiritismo são tratados sob pontos de vista diferentes, na visão religiosa e na perspectiva laica. Senão vejamos:

É muito comum, entre os religiosos, sob influência da cultura judaico-cristã, a reencarnação ser considerada como instrumento para o resgate de dívidas do passado e os sofrimentos humanos resultantes de culpas anteriores, tendo o castigo divino como ingrediente para a evolução do Espírito. Dentro dessa concepção, chega-se ao absurdo de atribuir às mortes coletivas em desastres ou fenômenos naturais ao pagamento de dívidas contraídas coletivamente,

em vidas anteriores. Numa leitura não religiosa, mortes prematuras, coletivas ou não, podem ser apenas acidentes, como afirma reiteradamente Maurice Herbert Jones nas reuniões de estudo do CCEPA, constituindo provas no processo de aprendizado do Espírito sem, necessariamente, resultarem de pagamento de faltas anteriores. Claro que não se excluem situações em que sofrimentos do presente tenham suas raízes em procedimentos faltosos do passado, mas sua função é pedagógica, educativa, e não punitiva. O espiritismo laico não atribui a Deus função fiscalizadora e punitiva e possui uma visão otimista do Homem e de seu potencial evolutivo. Além disso, compartilha da ideia de evolução natural da humanidade, não endossando as concepções de culpa, pecado e castigo que permeiam o espiritismo cristão.



**Maurice  
Herbert Jones**

**Presidente do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA) em várias gestões, ex-presidente da FERGS, brilhante pensador espírita da CEPA e um dos criadores do ESDE (estudo sistematizado da doutrina espírita), Maurice H. Jones costuma afirmar, nas reuniões de estudo:**

*“Acidentes acontecem. Nem sempre a dor é resultante de culpas do passado. Mortes prematuras, individuais ou coletivas, podem não ter sido programadas.”*

Com relação à mediunidade, é muito fácil e comum, num ambiente religioso, o cultivo da idolatria a médiuns ou a espíritos, especialmente quando se destacam por seu trabalho social e/ou por sua produção mediúnica, esta geralmente não submetida ao crivo do bom senso e da razão preconizado por Kardec. Em ambiente laico, diferentemente, não é atribuída autoridade especial nem infalibilidade nas informações veiculadas pelos médiuns. A mediunidade não é dom divino, graça, milagre, que torna privilegiados os seus portadores, sendo uma faculdade que todos possuem, em maior ou menor grau. A produção literária de autores encarnados é valorizada, havendo reservas, no meio laico, quanto à copiosa produção mediúnica do tipo “autoajuda”, em detrimento de obras de cunho filosófico-científico escritas por autores espíritas encarnados. Espíritas laicos discordam de diretrizes e comportamentos artificialmente estabelecidos através de renomados médiuns e espíritos eleitos como porta-vozes divinos, da chamada “espiritualidade superior”, cujas revelações se tornam imunes a questionamentos, articuladas em defesa de ideias puramente moralistas.

Há também, entre os laicos, um questionamento acerca do conceito de “reforma íntima”, ou seja, um compromisso dos adeptos em realizar mudanças

interiores como objetivo de vida, comportamento fartamente difundido no segmento religioso. Isso pressupõe, equivocadamente, a ideia de recuperação, reparo, conserto em algo que envelheceu ou estragou, recuperação de algo que se perdeu, o que implicaria em retrocesso evolutivo, em um “retorno à Casa Paterna”, ideias incompatíveis com o conceito de evolução apregoado pelo espiritismo. À vista do laicismo, o crescimento do Espírito se dá por um processo de evolução consciente norteadado por uma moral autônoma, marcada pela razão e no uso do livre-arbítrio. A caminhada evolutiva do espírito implica, naturalmente, no cometimento de erros, tentativas de acertos, na inexorável busca de aperfeiçoamento, em que as almas enfrentam os conflitos da convivência, predispondo-se ao aprendizado do respeito, da tolerância e do amor, no dizer de Maurice Jones.

Uma última reflexão deve ser feita a respeito da figura de Jesus. A postura dos religiosos em relação à figura de Jesus se constitui em verdadeira cristolatria. Numa exacerbação da resposta dada pelos Espíritos à questão 625, em *o Livro dos Espíritos*<sup>12</sup> – “Vede Jesus” (e não apenas “Jesus”, como aparece em algumas traduções), a figura de Jesus, literalmente, sobrepuja a de Kardec nos ambientes do Centro

Espírita, nas peças promocionais dos eventos espíritas e, como já dissemos, há mais pregadores do Evangelho do que instrutores da Doutrina Espírita.

Ao contrário do que equivocadamente já se propalou no seio do espiritismo religioso, de que os espíritas laicos rejeitariam a figura de Jesus, estes, de maneira geral, têm reafirmado a importância de Jesus de Nazaré – não do Cristo mitológico das Igrejas – de cujos ensinamentos morais Kardec se ocupou em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, e cuja validade é destacada e desenvolvida na 3ª parte de *O Livro dos Espíritos*.

No ambiente laico não é propalada a ideia de um Espiritismo Cristão, por vários motivos, em particular porque se compreende que Kardec, ao utilizar essa expressão, referia-se não ao Cristo das Igrejas, mas à doutrina, aos ensinamentos, ao pensamento, à moral universal de Jesus de Nazaré.

No ambiente espírita laico, a visão de reencarnação, imortalidade, responsabilidade pelo progresso individual e social inspiram uma atitude mais comprometida com a democracia, a liberdade, a justiça social, a busca de regimes econômicos, políticos e sociais mais compatíveis com a dignidade humana, a preservação do meio ambiente, etc.



## 4 PROGRESSIVIDADE E ATUALIZAÇÃO PERMANENTE DO ESPIRITISMO

*Milton Rubens Medran Moreira*

Conceber o espiritismo sob uma perspectiva **laica** implica, em primeiro lugar, em se reconhecer que ele é uma obra **humana**. Isso pode ser um pouco difícil para quem, como a maioria de nós, assimilou uma cultura que situa os fenômenos da vida em dois campos praticamente incomunicáveis e com leis diferentes a regê-los: o sagrado e o profano.

Vistos sob esse prisma, os valores que orientam nossa vida, todas as nossas convicções, tudo o que compõe nosso patrimônio material, moral e inte-

lectual, têm de ser acomodados em duas áreas distintas: a divina e a humana.

A divina integra o campo do sagrado. Neste estão situadas as crenças religiosas que, necessariamente, não precisam estar conformes com a razão humana. Houve até quem apregoasse que a fé religiosa está legitimada justamente pelo fato de contrariar a racionalidade humana: "*Credo quia absurdum*" (creio porque é absurdo), dizia Santo Agostinho, sustentando o caráter humanamente irracional da revelação religiosa.

Por uma mera convenção humana, as questões ligadas à vida após a morte, a existência de Deus e tudo o que se refere à alma ou espírito, foram relegadas ao campo do sagrado. A própria metafísica, antes vista como ciência, a partir do filósofo alemão Immanuel Kant (1724/1804), passou para o domínio da religião e de seus mistérios insondáveis. São questões convencionalmente inseridas no domínio religioso, muito embora tenham sido, em toda a História do pensamento humano, objeto de profundas perquirições filosóficas. Especificamente a questão do "espírito", como entidade imaterial inerente ao ser humano, por sua vez, especialmente nos dois últimos séculos, vem sendo objeto de estudos e experimentações científicas que fortemente

sugerem sua existência real e apontam para um riquíssimo campo de pesquisas e experiências na área da ciência. Mesmo assim, pelo mistério em que as religiões, milenarmente, envolveram esses temas, eles seguem, na cultura ainda vigente, sendo entendidos como coisas inerentes à fé religiosa, logo pertencentes ao campo do sagrado, onde a razão pouco ou nada vale.

Os ditames da razão, assim, só têm aplicação para aquilo considerado como humano. O que é divino permanece no campo do sobrenatural, do misterioso, do irracional.

A filosofia espírita rompeu com essa dicotomia entre o sagrado e o profano. O que importa para os espíritos entrevistados por Allan Kardec, na elaboração de *O Livro dos Espíritos*, é a chamada **lei natural**. Para eles, a lei natural é a própria "*lei de Deus*". "*É a única verdadeira para a felicidade do homem*", pois "*indica-lhe o que deve fazer ou não fazer*"<sup>12</sup> (pergunta 614, p.361). Eles veem na Natureza e em suas leis a presença da divindade que a tudo preside como "*inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas*", como disposto na pergunta nº 1 de *O Livro dos Espíritos*<sup>12</sup>. A lei natural, vista sob esse prisma, envolveria todos os fenômenos do Universo e, logo, também as relações dos seres



humanos entre si e com a divindade, retirando esta do sobrenatural.

Dessa forma, o que para a teologia estava contido na revelação sagrada, sobrenatural e não necessariamente conforme a razão, para os espíritos entrevistados por Kardec era potencialmente alcançável pela razão humana, eis que a lei natural se encontra inscrita "*na consciência*" do ser inteligente (questão 621)<sup>12</sup>.

Essa perspectiva naturalista da lei divina permitiria a Kardec trazer no seu livro *A Gênese* (1868) um novo conceito de "revelação", bem distinto da chamada "revelação religiosa". Esta, segundo o fundador do espiritismo,

*"é sempre feita a homens privilegiados designados sob o nome de profetas ou messias, isto é, 'enviados', 'missionários', tendo a 'missão' de transmiti-las aos homens", o que implica em "passividade absoluta", devendo ser aceita "sem controle, exame ou discussão".<sup>15</sup> (Cap. I, item 7, p.45).*

Veja-se que, ainda hoje, tanto nas religiões mais tradicionais e históricas, como naquelas que se popularizam mediante poderosas organizações, seus líderes se autoproclamam "missionários", "profetas", "sacerdotes" "pastores" (encarregados de conduzir os rebanhos), etc., títulos que lhes conferem uma

autoridade diretamente provinda de Deus, habilitando-os a interpretar para seus fiéis a chamada “palavra de Deus”. Esses títulos são incompatíveis com o espiritismo, exatamente porque ele não impõe a ninguém a aceitação de “artigos de fé”. Mesmo seus médiuns, por mais categorizados e respeitáveis que sejam, são apenas instrumentos de que se utilizam os espíritos para transmitirem suas sensações e opiniões pessoais. Estas podem ou não ser aceitas pelos encarnados e, segundo recomenda o espiritismo, sempre estarão sujeitas a critérios de racionalidade e de concordância com outras comunicações, validando-se ou não, pelo exame criterioso, comparativo, verdadeiramente científico a que se entreguem seus intérpretes.

A assim chamada “revelação espírita”, de acordo com a mesma obra<sup>15</sup>, em seu item 13, também integra a ordem divina, porque, como já foi dito, o conceito de divino é o mesmo de natural. Mas, ao contrário da revelação religiosa, ela se insere no campo científico, isto é, do conhecimento construído pela humanidade, pelo fato de “*sua iniciativa pertencer aos Espíritos*” (que não são mais que seres humanos, libertos do envoltório carnal) “*e sua elaboração ser fruto do trabalho do homem*” (encarnado).

Para Kardec, pois, e para todos nós que concebemos o espiritismo como uma proposta **laica** (isto é: não religiosa), a revelação espírita se insere na ordem natural das coisas. É uma obra essencialmente humana. Deve ser objeto de estudos e perquirições dos seres humanos, já que os desencarnados, de cujo intercâmbio com os encarnados provieram seus princípios fundamentais, também integram *"a própria humanidade, constituindo uma de suas faces"*<sup>15</sup> (Cap. I, item 60, p.74).

## VOCÊ SABIA?

**Que para Kardec a revelação espírita é uma revelação científica e não religiosa?**

Observe-se, no entanto, que quando o fundador do espiritismo refere que a *"elaboração"* da proposta espírita *"é fruto do trabalho do homem"*, está se referindo especificamente ao encarnado, indicando que esse é um trabalho permanente. Como insere a *"revelação"* espírita no campo da ciência, isto é, do conhecimento, admite-a como um conjunto de *"princípios fundamentais"*, destinados a colocar o ser humano *"no caminho das investigações, e não a conduzi-lo pela mão"*, como sempre buscaram fazer as religiões. Esses princípios fundamentais, revelados

pelos espíritos, segundo Kardec, são apenas “*marcos que lhe mostram o objetivo*”, sendo tarefa do homem “*estudá-los e deduzir suas aplicações*” (p. 77). Por isso mesmo, ao curso de toda sua obra, Allan Kardec classificou o espiritismo como uma “*ciência experimental*”.<sup>15</sup>

Ora, uma das características das ciências humanas é sua progressividade. O conhecimento é progressivo. O princípio da evolução, ao qual a proposta espírita adere, e a chamada “*lei de progresso*”, exposta em *O Livro dos Espíritos*, sustentam esse caráter do conhecimento, assim como dos costumes e da elaboração das normas políticas e de conduta, aplicáveis à sociedade e tuteladas pelo Estado (Lei de Sociedade – 3ª Parte, Capítulo VII)<sup>12</sup>. Daí o respeito que o espiritismo dispensa às ciências, sejam essas físicas ou humanas. O progresso humano se dá, justamente, na medida em que suas conquistas científicas, intelectuais e morais mais se aproximam das leis naturais.

Dito isto, fica consignado o profundo respeito que, desde seu nascedouro, na França do século XIX, o espiritismo votou ao conhecimento humano, à razão, à capacidade de o ser humano avançar na senda do progresso. Essa sua característica está muito bem sintetizada nesta luminar frase de Kardec,

no Capítulo I – Natureza da Revelação Espírita, item 55, também em *A Gênese*:

*"Avançando com o progresso, o Espiritismo jamais será superado, pois, se novas descobertas demonstrarem estar em erro em um determinado ponto, ele se modificará sobre esse ponto. Se uma nova verdade se revela, ele a aceita".*<sup>15</sup> (p. 71).

É, pois, uma doutrina aberta a novos conhecimentos, mesmo mantendo princípios estruturais bem definidos e que foram objeto da "revelação" dos espíritos.

Com aquela modelar sentença, Allan Kardec pregava a necessidade da constante atualização do espiritismo, até como requisito indispensável à sua sobrevivência em um mundo em contínua transformação, deixando escrito em suas *Obras Póstumas*, no texto "*Constituição do Espiritismo, Exposição de Motivos – Dos Cismas*", que: "*Não deve (o espiritismo) fechar as portas a nenhum progresso, sob pena de suicidar-se*"<sup>33</sup> (p. 349).

Para Kardec, "*uma das principais garantias da perpetuidade do espiritismo*" residiria justamente na assimilação "*de todas as ideias reconhecidas como justas, sejam de que ordem forem, físicas ou metafísicas*". Disse isso em cuidadoso documento publicado em sua *Revista Espírita*, em julho de 1868,

poucos meses antes de sua morte que se daria em 31/03/1869, sob o título de "*Constituição Transitória do Espiritismo*"<sup>35</sup>. Nesse mesmo projeto, recomenda a "*realização periódica de congressos espíritas*", onde os avanços científicos de reconhecida validade passariam a ser incorporados pela doutrina espírita.

Na medida em que o espiritismo mundial, entretanto, foi se fascinando pela adoção de um modelo religioso, onde tudo já teria sido dito sobre a origem, natureza e destino do homem e do mundo, aquelas recomendações do fundador do espiritismo passaram a ser esquecidas. A chamada "*terceira revelação divina*" teria dado a última e definitiva palavra acerca de todas as grandes questões que, historicamente, angustiaram o ser humano. Por longo tempo, os congressos, que seriam, segundo Kardec, o instrumento de propulsão da constante atualização doutrinária, chegaram a ser condenados pela hegemonia religiosa espírita.

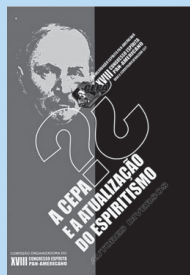
Mesmo marginalizado pela hegemônica atuação do movimento autodenominado "*cristão e evangélico*", o segmento laico e livre-pensador do espiritismo jamais deixou de agir, inspirado, sempre, nas orientações do Mestre Kardec. Não cabe, neste breve ensaio, escrever a história que, ao curso dos últimos 150 anos, foi fluindo, quase sempre às

margens dos mecanismos de poder criados pela “religião espírita”, especialmente nos países da América Latina. Mas, capítulo importante dessa reação foi a criação, em 1946, na Argentina, da CEPA-Confederação Espírita Pan-Americana (hoje CEPA-Associação Espírita Internacional). Essa entidade, de vocação e estrutura fundadas nas recomendações de Kardec, sempre priorizou os congressos espíritas, a eles reservando as soberanas decisões que fizeram e seguem fazendo a sua história.

A questão da atualização sempre pautou os temas de todos os congressos da CEPA. Um deles, o do ano 2.000, em Porto Alegre/RS, elegeu justamente como tema central uma pergunta provocativamente endereçada às posturas conservadoras do movimento: “*Deve o Espiritismo Atualizar-se?*”.

O livro “A CEPA e a Atualização do Espiritismo”<sup>36</sup>, contendo os principais trabalhos apresentados no Congresso de Porto Alegre, em 2000, está disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/13797500/CEPA-A-Cepa-e-a-Atualizacao-do-Espiritismo>.



Evidentemente, no âmbito da CEPA a resposta estava dada de forma afirmativa, mas aquele congresso marcaria o início de um esforço concreto, elegendo um *"modus operandi"*, um roteiro que identificasse os principais temas de atualização. Na oportunidade, trabalho do pensador espírita paulista Ademar Arthur Chioro dos Reis traçou uma "agenda" que sugere formas e conteúdos mediante os quais essa atualização pode ser levada:

*"Qualquer atualização que se queira empreender, entretanto, não poderá dispensar uma análise de conteúdo, a constituição de uma **Agenda Espírita** que identifique conceitos, temas, afirmativas e informações defasadas em face de novos conhecimentos não abordados nas obras básicas ou que foram tratados de forma condicional por Kardec e pelos espíritos que com ele construíram o corpo doutrinário"*<sup>37</sup> (p. 13)

Em sua alentada proposição, Chioro sugere desde *"uma adequação semiótica e da **redefinição e atualização da linguagem**" a uma **"redefinição epistemológica"**, capaz de dirimir "confusões sobre a natureza e o caráter do Espiritismo, em particular sobre a forma como se deu (e, portanto, como se dará) a construção do pensamento espírita"*<sup>37</sup> (p. 31).

Essa é uma tarefa que convoca, para sua efetivação, o concurso dos espíritos do mundo todo,



sempre tendo em mente, entretanto, que atualizar não significará alterar os princípios fundamentais da doutrina espírita, tais como a existência de Deus, como *"inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas"*; a sobrevivência, a imortalidade e comunicabilidade dos espíritos; a pluralidade dos mundos habitados e a reencarnação como instrumento de evolução do espírito humano.

Como muito bem acentuou Jaci Régis,

*"atualizar é um processo, é um fluxo aberto, mas com forte base na estrutura fundamental do pensamento de Allan Kardec. É uma abertura constante de questionamento sequencial, contínuo e equilibrado, fruto de estudo, reflexão e observação. Será motivada por novos conhecimentos, descobertas científicas, filosóficas, políticas. Enfim, em razão de que a Doutrina disse a primeira palavra e foi elaborada por Allan Kardec com abertura para progredir, atualizar-se, conforme a sociedade progredisse"*<sup>38</sup> (p. 67).

**Para Allan Kardec, ou o espiritismo se atualizaria permanentemente ou decretaria seu suicídio.**

Para finalizar estas reflexões, o caráter eminentemente progressivo do espiritismo e sua constante atualização só provam uma coisa: que não configura

uma religião e que o objeto do estudo da proposta espírita foge do sagrado para se localizar no natural, no âmbito, pois, do laicismo.

Nessa área, não há lugar para verdades prontas e acabadas. A infalibilidade é característica das religiões, de seus profetas, pontífices e missionários. O espiritismo tem como ponto de partida a existência do ESPÍRITO, como "*princípio inteligente do Universo*" (Questão 23 de *O Livro dos Espíritos*). Tudo o que deriva desse princípio fundamental, de cunho filosófico, é testável, modificável, atualizável, de acordo com o avanço do conhecimento humano. É, na verdade, um universo a ser desbravado por gerações de todos os tempos.

## **5 PERSPECTIVAS PARA O ESPIRITISMO LAICO E LIVRE-PENSADOR**

*Milton Rubens Medran Moreira*

Allan Kardec, ao sistematizar a doutrina espírita, sabia muito bem que estava mexendo com tabus difíceis de remover. Seria tarefa nada fácil trazer para o domínio do racional aquilo que as religiões haviam aprisionado na área do sagrado.

Por isso mesmo, em vários de seus escritos, Kardec anteviu fases pelas quais deveria passar o espiritismo até que os princípios por ele propostos fossem globalmente aceitos e se fizessem capazes de operar efetivas transformações no mundo. No artigo

intitulado *"Período de Luta"*, publicado na *Revista Espírita*<sup>39</sup>, em 1863, em que, mais detalhadamente, se ocupou da evolução do pensamento espírita e de sua influência na Terra, nominou como último dos períodos a ser atingido pelo espiritismo como o da *"Regeneração Social"*. Antes disso, a proposta espírita transitaria por fases de **curiosidade**, de reflexão **filosófica**, de **lutas** impostas pelo reacionarismo dogmático, de assunção de feições **religiosas**, e de **transições** internas. Toda essa caminhada se constituiria no processo dialético que a levaria ao definitivo estágio **regenerador**. O mundo, então, seria tocado por uma geração *"imbuída de ideias novas"*, aptas a preparar o caminho do *"trunfo definitivo da união, da paz e da fraternidade"*.

Se é verdade que, nessa caminhada antevista por Kardec, o espiritismo necessariamente teria de atravessar um **período religioso**, certo também é que precisaria superá-lo, deixá-lo para trás, na busca de uma sociedade humana voltada aos ideais da união, do pacifismo e da solidariedade entre todos. Era uma proposta filosófica e social dando concretude a sonhos como aquele de John Lennon em seu famoso poema musicado Imagine. Efetiva e concretamente, a proposta espírita, para alcançar foros de globalização, precisaria conceber o mundo

e conceber-se a si própria como “sem religião”, tal como sonharia o famoso *beatle* em sucesso musical lançado um século depois.

Não se trata de nenhum menosprezo às religiões e ao papel por elas desempenhado na História, mas, numa comunidade planetária que venha a se fazer solidamente unida, pacífica e fraterna, deixa de existir espaço para a religião, abrindo-se, em contrapartida, horizontes mais amplos, infinitos, para a espiritualidade.

## VOCÊ SABIA?

**Que Allan Kardec previu para o espiritismo um período religioso, que, no entanto, deveria ser superado? Mais informações em**

*<https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/897/revista-espirita-jornal-de-estudos-psicologicos-1863/5521/dezembro/periodo-de-luta>*

Com essa posição, Kardec mostrava-se, decididamente, um homem adiante de seu tempo.

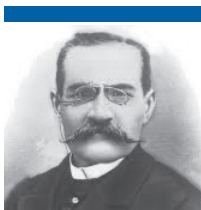
**Espiritualidade sem religião é, claramente, a perspectiva do mundo contemporâneo. Este, aos poucos, reconhece os valores laicos, nascidos e cultivados a partir do Iluminismo, o caminho para superar os fundamentalismos políticos, ideológicos e de crença.**

O laicismo teve incremento particularmente forte no século 19 em cujo cenário surgiu o espiritismo. Allan Kardec via nas ideias espíritas o caminho de transição, sugerindo a aliança entre ciência e religião, como expôs no livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo*<sup>8</sup>. Mas, sabia que esse salto evolutivo requereria tempo. O mundo fora impregnado da dicotomia sagrado/profano, imposta pela religião, como garantia de reserva de poder a ela própria. Era necessário substituir esse modelo maniqueísta, paulatinamente, pela ideia do **natural**, cujas leis regem o divino e o humano, a matéria e o espírito, o universo por inteiro, sem que, para tanto, se façam necessários dogmas e ritos, vazios de racionalidade e objetividade.

Por ver no espiritismo não uma realidade pronta e acabada, mas, como diria, no século seguinte, Herculano Pires, "*um arquétipo carregado de futuro*"<sup>40</sup>, Allan Kardec sabia que ele teria de passar por um "período religioso", necessariamente superável, para dar cumprimento à sua missão no mundo. Era preciso conferir ressignificações a algumas verdades distorcidas e cristalizadas pelos dogmas religiosos para, então, viabilizar a superação daquele período transitório. Otimista que era, Kardec supôs que essa etapa definitiva chegaria já no limiar

do século 20, quando as ideias espíritas deveriam atingir seu ápice, abrindo o ciclo da regeneração da humanidade.

Atrasamo-nos nesse processo, e isso não foi por erro nem dos espíritos, nem de Kardec. O espiritismo, pela modelagem que lhe confeririam os segmentos humanos autoencarregados de lhe dar feição institucional, entenderam de perenizá-lo como mais uma religião num mundo já delas saturado. E, ora, como muito bem deixou dito Léon Denis, *"o espiritismo será o que dele fizerem os espíritos"*<sup>41</sup>, assim tem sido ele praticado e percebido por espíritas e, conseqüentemente, por tantos quantos o contemplam de fora.



**Léon Denis**  
(1846-1927)

**Pensador e escritor francês, grande divulgador das obras de Kardec nos anos seguintes à desencarnação do fundador do espiritismo.**

Cresce, no entanto, num ritmo acelerado, nestas primeiras décadas do século 21, o número de segmentos que já não conseguem aprisionar as

ideias espíritas no círculo fechado de uma “religião”. Adequadamente, concebem-nas como um campo generoso e amplo de propostas libertadoras, com reais condições de debelar os maiores males que afligem o século: o fanatismo, o sectarismo, os extremismos, o fundamentalismo.

O **espírito**, base concreta e sensível da proposta espírita, não tem religião. Rege-se por leis naturais que apontam para a perfeição, mediante o progressivo desenvolvimento do conhecimento e da ética, numa perspectiva de união e de fraternidade com seus companheiros de jornada.

As próprias religiões formais, no mundo, apercebem-se disso e, na medida que o tempo passa, se vão despidendo de fórmulas, reinterpretando seus dogmas e relativizando suas hierarquias para conferir mais valor à construção plural e conjunta de valores. Valores, aliás, que deixam de ser impostos por dogmas revelados para serem reconhecidos como frutos da experiência humana, da convivência entre os desiguais e do manancial guardado na consciência humana, onde, segundo a questão 621 de *O Livro dos Espíritos*, está inscrita a *lei natural*.

Isso se pode ver especialmente no discurso assumido pela Igreja Católica, condutora mais importante da religiosidade do Ocidente, da Anti-



guidade à Contemporaneidade. A cada momento – não sem provocar a reação de suas alas mais conservadoras e de outros segmentos cristãos fundamentalistas – ela assume os valores éticos ditados pelo laicismo, envolvendo temas como sexualidade, relações sociais e humanas, tolerância e pluralismo. Vale salientar, aqui, o acentuado caráter humanista do Cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, atual Sumo Pontífice da Igreja Romana. Desde que assumiu o Papado, em 2013, com o nome de Francisco, Bergoglio tem lutado vigorosamente pela adoção de uma política progressista, fundada naqueles valores de construção laica.

A ética natural suplanta a moral religiosa. Esta teve origem no tempo em que, para lhe dar validade, era necessária a sanção, ainda que hipotética, de um deus. Já a lei moral, fruto da razão e das experiências humanas, preserva a chama divina que lhe é intrínseca, haurida da “causa primeira de todas as coisas”, tal como Deus é concebido, na questão inaugural de *O Livro dos Espíritos*<sup>12</sup>.

Se assim é – e o segmento laico do espiritismo, no qual se insere a CEPA, entende que assim, efetivamente, é – a caminhada iniciada por Allan Kardec, ao editar, no ano de 1857, *O Livro dos Espíritos*, conduz, embora com menor rapidez do

que imaginara seu fundador, ao fortalecimento do chamado espiritismo laico e livre-pensador.

Pode-se argumentar que, ao deixar de ser visto como uma religião, o espiritismo perca um pouco de seu vigor como movimento institucionalizado, em países como o Brasil. Aqui, seguidos censos estatísticos o apontam como a 3ª religião em número de seguidores, só suplantada pelo catolicismo e pelas religiões evangélicas. Na medida, porém, em que as propostas espíritas como a da imortalidade do espírito, a comunicabilidade destes, as vidas sucessivas do espírito, etc., forem se popularizando como ideias naturais, pouco deve importar ao verdadeiro espírita sua inserção como mais uma religião no mundo. Se hoje, por exemplo, no Brasil se perguntar aos católicos se aceitam a ideia da reencarnação, um princípio aqui popularizado pelo espiritismo, a grande maioria deles há de dizer que sim. E nem por isso deixarão de se declarar católicos, por força de uma tradição, de uma cultura histórica firmemente enraizada.

O espiritismo não concorre com as religiões. Seu âmbito de ação é outro. Está no campo da filosofia, enquanto expressão de uma racionalidade que dá respostas convincentes acerca da natureza, da origem e do destino do ser inteligente. Pode

dialogar com as ciências, na medida em que oferece metodologia capaz de dar suporte fático e experiencial àquelas concepções filosóficas. Contribui com a ética, enquanto propicia se extraíam de sua visão de homem e de mundo consequências comportamentais necessariamente solidárias, igualitárias e fraternas, aptas a produzir felicidade.

À pergunta de quais as perspectivas de um espiritismo laico e livre-pensador, hoje representado por uma de suas alas, ainda minoritária, se há de responder, necessariamente, que elas correspondem à própria expectativa de quem o concebeu e projetou sua caminhada natural. Desviá-lo dessa rota, retendo-o prisioneiro do sectarismo religioso, dogmático, imobilizado e antiprogressista, é atentar contra sua própria identidade, induzindo-o ao suicídio, como tantas vezes advertiu o próprio Allan Kardec.

Ao contrário, visto sob essa perspectiva – laica e livre-pensadora – e não como uma religião, a essência do espiritismo há de ter vida longa. Poderá ocorrer que o espiritismo, como uma corrente filosófica, deixe mesmo de existir, em um futuro ainda não próximo, mas teoricamente possível. Entretanto, há de subsistir como proposta humanista, espiritualista e livre-pensadora. Será, então, recordado como um referencial histórico precursor de um

tempo novo a ser regido sob a égide do ESPÍRITO, enquanto “princípio inteligente do universo” (questão 23 de *O Livro dos Espíritos*).

E, então, quando seus princípios forem reconhecidos por todos, como expressões da própria lei natural, e não como a crença de alguns, ele terá cumprido integralmente sua missão. Logo, não precisará, subsistir como um segmento diferenciado, seja religioso, filosófico ou científico, guardando uma denominação própria, porque seus princípios terão ganho foros de validade geral e irrecusável.

Enquanto for visto, interna e externamente, como uma religião, não estará o espiritismo liberto inteiramente do sectarismo por ele combatido. Propondo, como propõe, a adoção de um novo paradigma a reger o conhecimento e a ética, só numa cultura inteiramente laica e livre-pensadora encontrará o terreno propício à sua plena realização.

## INDICAÇÕES DE LEITURAS DE INTERESSE

**Autores Diversos.** *Carta de Posicionamentos da CEPABrasil*, documento aprovado em A. Geral, de 05.09.2010, em Bento Gonçalves-RS. Acesso em: <https://www.cepabrasil.org.br/portal/quem-somos/manifestos/cartas/485-carta-de-posicionamentos-da-cepabrasil>.

**Autores Diversos.** *A CEPA e a Atualização do Espiritismo*. Porto Alegre: CCEPA-Centro Cultural Espírita de Porto Alegre - Imprensa Livre, 2001. Acesso em: <https://pt.scribd.com/document/13797500/CEPA-A-Cepa-e-a-Atualizacao-do-Espiritismo>.

**Autores Diversos.** *Espiritismo: O Pensamento Atual da CEPA*". Porto Alegre: CCEPA-Centro Cultural Espírita de Porto Alegre - Imprensa Livre, 2002. Acesso em: <https://pt.scribd.com/document/13797629/CEPA-Espiritismo-O-Pensamento-Atual-da-Cepa>.

**Aizpúrua, Jon.** *Os Fundamentos dos Espiritismo*. São Paulo: Editora C. E. José Barroso, 2000.

**Régis, Jaci.** *"Doutrina Kardecista – Modelo Conceitual (reescrevendo o modelo espírita)"*. Santos: ICKS - Instituto Cultural Kardecista de Santos, 2008.

**Dias, Krishnamurti de Carvalho.** *O Laço e o Culto*. Santos: DICESP Editora, 1985.

**Silva, Gélío Lacerda.** *Conscientização Espírita*. Capivari-SP: Editora Opinião, 1995.

## **INDICAÇÕES DE SITES DE INTERESSE**

*<https://cepainternacional.org/site/>*

*<https://www.autoresespiritasclassicos.com/>*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Kardec, Allan. *O que é o Espiritismo*. São Paulo: Edicel, 1984.
2. —. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. São Paulo: Edicel, 1966. Vol. Décimo primeiro ano: 1868.
3. Carvalho, Herivelto. *A laicidade como aspecto inerente do espiritismo*. 272, Porto Alegre: CCEPA, abril de 2019, Opinião, pp. Disponível em: [http://ccepa-opiniao.blogspot.com/\(2019/04/jornal-ccepa-opiniao-272-abril-2019.html\)](http://ccepa-opiniao.blogspot.com/(2019/04/jornal-ccepa-opiniao-272-abril-2019.html))
4. Grossvater, David. *Espiritismo Laico*. s.l.: Editores Mexicanos Unidos, 1966.
5. Aizpúrua, Jon. *A CEPA e o Laicismo*. [A. do livro] CEPA - Conferência Espírita Pan-americana. *Espiritismo: o pensamento atual da CEPA*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2002.
6. Benchaya, Salomão Jacob. *Da Religião Espírita ao Laicismo: a trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2006.
7. Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986. p. 1004.

8. **Kardec, Allan.** *O Evangelho Segundo o Espiritismo.* São Paulo: FEESP, 1989.
9. —. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos.* São Paulo: Edicel, 1966. p. 6.
10. **Pires, José Herculano.** *Curso Dinâmico de Espiritismo.* São Paulo: Edicel, 1979.
11. **Kardec, Allan.** *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos.* São Paulo: Edicel, 1967. Vol. Décimo segundo ano: 1859 (maio).
12. —. *O Livro dos Espíritos.* Rio de Janeiro: FEB, 2006.
13. —. *O Livro dos Médiuns.* Rio de Janeiro: FEB, 1977.
14. —. *O Céu e o Inferno.* Rio de Janeiro: FEB, 1975.
15. —. *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo.* São Paulo: FEAL, 2018.
16. **Carvalho, Herivelto.** *Da Espanha às Américas: a trajetória da tradição espírita livre-pensadora.* 326, Santos: s.n., outubro de 2016, Jornal Abertura.
17. **Aizpúrua, Jon.** *O laicismo na história do espiritismo venezuelano e na América Latina.* [e-mail] Caracas, Venezuela: s.n., 2019.
18. **Stoll, Sandra Jacqueline.** *Espiritismo à Brasileira.* São Paulo: EDUSP - Universidade de São Paulo, 2003.
19. **Machado, Ubiratan.** *Os Intelectuais e o Espiritismo.* Rio de Janeiro: Antares / Instituto Nacional do Livro, 1983.
20. **Xavier, Francisco Cândido.** *Religião dos Espíritos.* Rio de Janeiro: FEB, 1978. Vol. ditado pelo Espírito Emmanuel.
21. **Quintella, Mauro.** *O tríplice aspecto do espiritismo.* [Online] [Citado em: 10 de fevereiro de 2020.] <https://>



*mauroquintella.blog.br/2019/05/03/a-construcao-da-teoria-do-triplice-aspecto/*.

22. Xavier, Francisco Cândido. *O Consolador* (espírito Emmanuel). Rio de Janeiro: FEB, 1985.
23. Imbassahy, Carlos. *Religião*. Rio de Janeiro: FEB, 1981.
24. Mariotti, Humberto. *Parapsicologia e Materialismo Histórico*. Edicel: São Paulo, 1983.
25. Porteiro, Manuel S. *Espiritismo Dialético*. Barcelona: Edicomunicación, 1990.
26. Lavigne, Eusínio e Prado, Souza do. *Os espíritas e as questões sociais*. Rio de Janeiro: Editora Renovação, 1955.
27. Netto, Jacob Holzmann. *Espiritismo e Marxismo*. Campinas: Edições "A Fagulha", 1970.
28. Amorim, Pedro Paulo. *O Movimento Universitário Espírita – MUE e suas divergências no interior do Movimento Espírita Brasileiro*, disponível em: <http://www.encontro2014.sc.anpuh.org/>, acesso em 10 de fev. 2020.
29. Federação Espírita Brasileira (Editorial). *O Joio e o Trigo*. Rio de Janeiro: FEB, novembro de 1994, Reformador, p. 6. disponível em: <http://www.sistemas.febnet.org.br/acervo/revistas/1994/WebSearch/page.php?pagina=322>.
30. Figueiredo, Paulo Henrique de. *Autonomia: a história jamais contada do espiritismo*. São Paulo: FEAL, 2019.
31. Kardec, Allan. *A Gênese, os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo*. São Paulo: FEAL, 2018.
32. Dias, Krishnamurti de Carvalho. *O Laço e o Culto: é o espiritismo uma religião?* Santos: DICESP, 1985.

33. Kardec, Allan. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 1975.
34. Xavier, Francisco Cândido. *Brasil: Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Rio de Janeiro: FEB, 1938. Vol. Ditado pelo Espírito Humberto Campos (Irmão X).
35. Kardec, Allan. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. São Paulo: Edicel, 1966. Vols. Décimo primeiro ano - julho de 1868.
36. Diversos, Autores. *A CEPA e a Atualização do Espiritismo*. Porto Alegre: CCEPA-Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Imprensa Livre, 2001.
37. Reis, Ademar Arthur Chioro dos. *Como? Uma Proposta Metodológica para o Processo Permanente de Atualização do Espiritismo*. [A. do livro] Autores Diversos. *A Cepa e Atualização do Espiritismo*. Porto Alegre: CCEPA - Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Imprensa Livre, 2001.
38. Régis, Jaci. *A Dificuldade de Aceitar o Novo*. [A. do livro] Autores Diversos. *Espiritismo: o pensamento atual da CEPA*. Porto Alegre: Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Imprensa Livre, 2002.
39. Kardec, Allan. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. São Paulo: Edicel, 1966. Vol. Sexto ano: 1863.
40. Pires, José Herculano. *Ciência Espírita e suas Implicações Terapêuticas*. São Paulo: Ed USE, 1995.
41. Denis, Léon. *No Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 2008.
42. Kardec, Allan. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. São Paulo: Edicel, s/d. Vol. Décimo primeiro: 1868.
43. —. *Revista Espírita: Jornal de Estudos Psicológicos*. São Paulo: Edicel, 1966. Vol. Segundo ano: 1859.

## SOBRE OS AUTORES

### Milton Rubens Medran Moreira

Procurador de Justiça aposentado do Rio Grande do Sul. Advogado. Jornalista. Integrou os quadros diretivos da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, onde ocupou o cargo de Diretor do Departamento de Comunicação Social, tendo dirigido a revista "A Reencarnação" daquela federativa.

Desde 1983, é membro do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre do qual foi Presidente. Fundou e dirige, há 26 anos, o jornal CCEPA OPINIÃO, órgão oficial dessa instituição espírita.

Autor de vários livros espíritas, entre os quais *"Direito e Justiça, um Olhar Espírita"*, *"Se Todos Fossem Iguais"*. *"O Espírito de um Novo Tempo ou Um Novo Tempo para o Espírito"*. Traduziu para o português *"História da Parapsicologia"*, de Jon Aizpúrua.

Ex-Presidente da CEPA (2000/2008).



## Salomão Jacob Benchaya

Economista, membro do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre (CCEPA) desde 1974, seu presidente por vários mandatos. Foi diretor doutrinário da FERGS-Federação Espírita do Rio Grande do Sul, de 1978 a 1987, e seu presidente, de 1984 a 1987, onde coordenou a criação do ESDE-  
-Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, em 1978.

É delegado especial da CEPA e seu Secretário Geral na gestão de Milton Medran (2000-2008) e na atual gestão de Jacira Jacinto da Silva.

Organizou o XVIII Congresso da CEPA, no ano 2000, em Porto Alegre-RS e também os livros *"A CEPA e a atualização do Espiritismo"* e *"Espiritismo: O pensamento atual da CEPA"* sendo autor do livro *"Da Religião Espírita ao Laicismo: a trajetória do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre"*.



## Sobre o Livro

Formato: 11,5 cm x 16 cm

Tipologia: Segoe UI - 11/14

# COLEÇÃO LIVRE-PENSAR: ESPIRITISMO PARA O SÉCULO XXI

## Série 1 – Temas Fundamentais

**Livro 1** - O espiritismo na perspectiva laica e livre-pensadora

**Livro 2** - A imortalidade da alma

**Livro 3** - Mediunidade: intercâmbio entre dois mundos

**Livro 4** - Reflexões sobre a ideia de Deus

**Livro 5** - Reencarnação: um revolucionário paradigma existencial

**Livro 6** - A evolução dos espíritos, da matéria e dos mundos

**Livro 7** - Espiritismo, ética e moral

**Livro 8** - Allan Kardec: o fundador do espiritismo

ISBN: 978-65-89240-01-3

